Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 22
05 de setembro de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

[00:00:00]
Boa tarde a todos! Sejam bem-vindos. Eu queria fazer, nesta aula de hoje, algumas considerações sobre o ambiente histórico-cultural — brasileiro e mundial — no qual vai se desenrolar a sua vida intelectual, sobretudo a sua atividade pública de estudioso, tão logo ela comece. Eu espero que vocês possam ter uma atuação pública maior daqui a uns cinco ou seis anos. Não há nenhuma maneira de a gente apressar isso. Inclusive, eu tenho recomendado insistentemente que se abstenham de qualquer atividade pública, mesmo a participação em debates de Internet, em sites de jornalismo eletrônico, etc. Por enquanto, tudo isso aí é só perda de tempo. Se entrarem nessas coisas agora, vocês serão apenas mais algumas pessoas que estão opinando. Será uma opinião indiferenciada, e nós precisamos é de uma opinião diferenciada, de uma opinião que venha com a autoridade da obra intelectual realizada ou em realização. Nós precisamos de opinião altamente qualificada. A coisa mais urgente no Brasil realmente é formar uma nova camada intelectual séria, que possa se sobrepor a esses charlatães que destruíram completamente a vida cultural superior no país.

Já hoje em dia, e mais ainda quando acontecer esse ingresso de vocês numa atividade pública, o ambiente histórico cultural no qual vocês vão entrar é definido por alguns fatores cuja descrição chega até mesmo a ser atemorizante. É claro que aqui não vou descrevê-los, não vou mencioná-los, com a idéia de intimidar vocês, mas simplesmente [para] mapear o terreno onde vocês vão entrar. Esse mapeamento é absolutamente necessário para que cada um possa programar a sua estratégia e as suas táticas de atuação intelectual.

A situação atual do mundo é definida pela presença de um elemento que até uns séculos atrás era totalmente desconhecido. Esse elemento é a existência de uma elite internacional muito rica, muito poderosa e que resolveu, já há bastante tempo, integrar suas atividades e trabalhar em favor de um plano unificado de governo mundial. Essa elite tem origem em alguns fatores que são até bem antigos. Por exemplo, essas associações entre bancos internacionais; creio que no século XII ou XIII já existia isso. O sujeito tinha um banco numa nação e entrava em acordo com outros bancos em outros lugares de modo a poder exercer uma pressão unificada sobre os governos, de modo a endividá-los e a controlá-los. Se você procurar na história dessas antigas organizações bancárias, você verá que muitos desses banqueiros tinham perfeita consciência de controlar vários governos através do endividamento. Isso é uma

coisa já bem antiga, de modo que não podemos dizer que a elite bancária seja uma grande novidade na história. Não, ela não é; o que é novidade é a proporção que o poder deles alcançou — a extensão das suas atividades em nível mundial (não há nenhuma nação que escape) — e o fato de que, mais ou menos a partir da segunda metade do século XIX, eles começaram a chamar a seu serviço intelectuais, cientistas, escritores etc., e num processo de permanente debate e intercâmbio chegaram a formular planos bastante nítidos. Passou o tempo em que você poderia dizer que isso “ah, é teoria da conspiração!” ou “isso é hipótese”. Não, hoje em dia isso está tão bem documentado que o sujeito que duvida da existência disso por um segundo está fora do debate — é um imbecil total, uma pessoa que está tentando apreender uma situação mundial com conceitos e com imagens de cinqüenta, ou sessenta, ou setenta anos atrás. Está completamente por fora.

Não pode haver grande dúvida de que a atuação desta elite financeira está por trás de praticamente todos os grandes movimentos políticos de alcance mundial que nós vimos no século XX, e que nenhum desses movimentos traduz inteiramente os objetivos e planos desta elite. Esses movimentos parciais traduzem, então, apenas parcialmente esses objetivos e planos, isto é, eles são forças colocadas em ação para que do seu confronto e, vamos dizer, da sua entremesclagem, se produza um resultado esperado.

Note bem: longe de mim a idéia mais ou menos mítica da “mão oculta” que controla as coisas, de um “poder secreto”, nada, nada, nada disso. Primeiro que nada disso é secreto: tudo isso é público, tudo isso está altamente documentado, e o que torna isso mais ou menos inapreensível pelo cidadão comum é, primeiro, a grande complexidade dos planos e, segundo, o altíssimo nível intelectual dessas discussões, que não são para qualquer pessoa discutir.

A coisa mais óbvia para mim é a seguinte: o cidadão comum — o eleitor comum — está totalmente desaparelhado para discutir essas coisas. É o mesmo que você colocar em debate, por exemplo, na sua congregação religiosa, uma questão de física quântica. As pessoas simplesmente não vão acompanhar o debate.

Esse problema de Nova Ordem Mundial também é demasiado complexo, e justamente por ser demasiado complexo ele requer a formação de uma intelectualidade que, não estando comprometida com esses planos e nem tendo necessariamente uma atitude militante contra, possa compreendê-lo desde fora. O fato é que, até hoje, a quase a totalidade da bibliografia que existe a respeito ou é produzida por pessoas de dentro mesmo do próprio esquema, ou seja, por intelectuais que estão a serviço desta elite, sabendo quais são os planos e desejando colaborar com eles, como por exemplo é o caso de Carroll Quigley ou, mais antigamente, Herbert George Wells, Aldous Huxley e outros tantos, ou então é uma bibliografia de natureza mais ou menos militante, produzida por pessoas que estão escandalizadas com esses planos e que os denunciam.

Ora, a denúncia vem freqüentemente de movimentos já existentes — movimentos ou correntes de pensamento mais antigos — que reagem a essa

novidade conforme a orientação de cada qual. Vários desses movimentos são criações da própria elite. Como, por exemplo, quando você vê marxistas, comunistas, denunciando o globalismo, ou denunciando as multinacionais etc. É claro que isto é uma fração deste enorme movimento de transformação mundial que, de certo modo, se volta contra o conjunto. Mas se volta contra o conjunto desempenhando nele uma função específica, justamente mediante esta revolta.

Como exemplo, há um caso que pode ilustrar isso de uma maneira claríssima. Vocês lembram quando esteve no Brasil um militante ecologista francês chamado José Bové. O Bové, então, invadiu lá umas terras que pertenciam à empresa Monsanto, que estava trabalhando com sementes transgênicas e ele, protestando contra os transgênicos, foi lá e arrancou várias plantas, parece que ateou fogo, enfim: destruiu a plantação da Monsanto.

Vista na escala menor e local, do que isso se trata? É um militante da esquerda, um militante de inclinação socialista, e que está em luta contra uma multinacional — uma expressão do capitalismo. **[00:10]** Bem, acontece que essa empresa Monsanto é um dos pilares da Nova Ordem Mundial alimentar, que é o controle dos alimentos em escala global por órgãos da ONU. A Monsanto é a empresa que preside isto aí.

Ora, você ter uma espécie de controle estatal da alimentação em nível mundial é a coisa mais socialista que você pode imaginar. Sob este aspecto, a Monsanto é infinitamente mais esquerdista e mais radical do que o José Bové. Acontece que, naquele momento, para o José Bové, dentro da perspectiva dele, dentro do horizonte dele, só existiam dois elementos em jogo: de um lado, a ideologia ecologista que ele tem, e, do outro lado, a proposta dos alimentos transgênicos, que seria segundo ele um atentado anti-ecológico, antinatural, anti-biológico, etc, etc.

Então, é claro que a mídia, quando chega a noticiar esses acontecimentos, o faz dentro da escala micro (a escala local), e dentro dessa escala eles têm um significado que freqüentemente está absorvido e desmentido pelo significado que as coisas têm numa escala superior. Essas ambigüidades tornam o processo incompreensível a quem quer que não tenha um treino historiográfico suficiente, capaz de acompanhar e de traduzir esses vários níveis de significado que os acontecimentos têm conforme a amplitude maior ou menor de horizonte com que eles sejam enfocados.

Então, encontrar a escala certa, a perspectiva certa, é o grande problema nestas coisas. O que quer que você tente, qualquer acontecimento que você tente interpretar ou tente compreender, você o faz desde uma determinada perspectiva e dentro de uma escala de prioridades que é a sua. Neste mesmo caso você vê que, como a escala de prioridades do jornalismo brasileiro é a escala de prioridades da esquerda local, então é assim que eles interpretam o acontecimento. Qual é o enredo, qual é a narrativa dentro da qual este episódio aparece e dentro da qual ela adquire sentido para ele? É a narrativa da luta de classes. Então, você verá ali o José Bové como representante dos pequenos proprietários, dos agricultores, etc, em luta contra o grande capital.

Este é o enredo que eles lêem, e esse enredo é determinado pela escala de prioridades deles.

Qual é a nossa escala de prioridades? A nossa escala de prioridades é tentar compreender a coisa na sua totalidade, na sua dimensão integral, em vista de valores civilizacionais mais permanentes. Nós queremos saber o que isso significa, o que esta grande transformação significa dentro da história humana até onde nós podemos enxergá-la. Não que eu tenha que acreditar necessariamente numa unidade integral da história humana. Não, eu sei que a história humana é constituída às vezes de pedaços absolutamente incomunicáveis, e que existem desenvolvimentos históricos totalmente independentes que nós não conseguimos enquadrar numa visão historiográfica ou, por assim dizer, numa "meta-história" integral. Não é isso. Mas, até onde a nossa vista alcança, nos temos uma concepção do que se passou da história, do que é o ser humano dentro dos cosmos e o que nós estamos fazendo aqui. Então, é à luz desta perspectiva maior que nós temos que tentar entender este processo de nova ordem mundial dentro do qual vai se desenrolar a nossa própria atividade de estudiosos, de intelectuais, de escritores, de cientistas etc.

Nós podemos, por um lado, aceitar que essa análise se baseie em valores já assumidos de antemão, contanto que esses valores tenham um sentido de universalidade suficiente. Se eu quero julgar o movimento globalista, a globalização, à luz do movimento socialista, eu não posso fazê-lo. Por quê? Porque o movimento socialista é uma parte do próprio movimento globalista, é uma função dele, e por ele foi criado. Então, o movimento socialista não terá jamais a amplitude para poder se colocar acima deste movimento e enxergá-lo. A pergunta seria: quem pode julgar essa reforma globalista? Eu respondo: "bem, só quem seja capaz de enxergar um pouco para além dela".

Isso significa que nós temos que tomar como medida de aferição da nossa visão de conjunto a visão que é apresentada pelos grandes historiadores que participam do movimento da globalização, especialmente dois: um que é Arnold Toynbee e outro que é o Carroll Quigley. Ou seja, nós temos que enxergar no mínimo o que eles enxergam. Porque todo este plano de globalização se entende a si próprio como um passo civilizacional que está sendo dado dentro de uma visão que eles têm da história. Então, é claro que estudar as obras do Arnold Toynbee e do Carroll Quigley é uma condição absolutamente necessária para que você possa começar a raciocinar a respeito do assunto. E só quando você adquire uma visão dos princípios gerais de interpretação e de avaliação que eles estão usando é que você pode tentar arriscar alguma coisa que seja superior, que seja intelectualmente mais sólida, mais relevante e que tenha um padrão de universalidade mais defensável do que o que eles estão propondo.

No conjunto, esse movimento da globalização expressa uma crença profunda de que existe um movimento da história que se dirige no sentido do controle maior da natureza pelo ser humano e, portanto, no sentido da centralização do poder. Esses princípios parecem ser óbvios.

Se você procurar por constantes da história humana, uma constante que você

vai encontrar, e que foi ressaltada pelo Ellsworth Huntington (não confundir com Samuel Huntington, que parece que é neto ou filho dele) no livro "*As Fontes da Civilização*" ("*Mainsprings of Civilization*"), é o contato cada vez maior entre culturas diferentes. Você vê que de fato isto é uma constante na história: várias culturas vão crescendo e, em função do próprio crescimento da população — o qual é outra constante: a população terrestre jamais diminuiu, ela sempre cresce — existe esta tendência de aproximação. Na mesma medida em que há a tendência à aproximação, existe a tendência de absorção das culturas menores pelas culturas maiores, há um processo de integração.

De fato, materialmente, isso acontece, porém a partir do momento em que algumas pessoas altamente qualificadas e com meios para isso entendem que existe este processo, e que este processo portanto se torna consciente, no instante seguinte o processo se torna voluntário e planejado. E isto é que é a definição da globalização: a globalização é a tentativa de conduzir, por meio deliberados e planejados, um processo que já vinha acontecendo, que é o processo da integração. Esta tentativa, por sua vez, se baseia também na idéia de que, do movimento anteriormente observado, pode-se deduzir algo, pelo menos conjecturalmente, quanto ao que deve vir no futuro.

Você verá que todas as correntes que favorecem, que **[00:20]** fazem parte de um modo ou de outro desse movimento de globalização, todas elas têm uma visão do futuro, e acreditam que, como esse futuro toma a forma do controle cada vez maior do homem sobre a natureza, então o próprio processo que está incrementando esse controle pode ser ele também controlado. É a idéia do controle total do processo histórico. Porém, quando nós rastreamos a origem dessas discussões, nós vamos ver que alguns desses movimentos trabalharam mais profundamente esta idéia do controle crescente — mais profundamente e mais atentamente — e outros não. Por exemplo, quando você vê esse pessoal que no Brasil se chama "liberal" — aqui [nos EUA] não se chama liberal, e sim *classic liberal*; aqui, *liberal* quer dizer esquerdista *soft* (como os tucanos) e *classic liberal* é o que no Brasil se chama liberal: o sujeito que é a favor da livre empresa e que acha que a liberdade econômica é o fator fundamental na sociedade. Evidentemente, a posição destes indivíduos dentro do conjunto do movimento de que estou falando é extremamente sutil e ambígua. Na medida em que eles estão favorecendo a livre empresa, então é claro que eles não são a favor da economia planejada. Porém, na medida em que eles se opõem aos controles exercidos em escala nacional, eles acabam favorecendo uma transferência de poder das soberanias nacionais para a escala internacional. Como esse aspecto do poder político não é um ponto fundamental de interesse deles — eles estão interessados em economia; eles acham que se houver liberdade econômica o resto se resolve por si — muitas vezes seus ataques às soberanias nacionais (por exemplo, na medida em que eles são contra regulamentos protecionistas etc, que às vezes são a bandeira de defesa de uma nação menor contra uma nação maior, ou de defesa de uma nação contra o próprio processo globalista) vão enfraquecer esses estados nacionais e, automaticamente, favorecer a emergência de um controle global. Então, é como se eles estivessem lutando contra um monte de leviatãzinhos pequenos e favorecendo, mesmo a contragosto, o crescimento de um Leviatã maior em cima deles.

Esse processo, freqüentemente, não é consciente. Eu jamais encontrei um único liberal que se dispusesse seriamente a discutir este problema do poder global. Olhem, por exemplo, esta abertura dos mercados, de que [os liberais] falam. Junto com a abertura dos mercados vem automaticamente o acréscimo dos regulamentos internacionais, e quando você cria regulamentos internacionais você tem que criar órgãos que imponham o cumprimento dessas leis. Então, você vai criando órgãos controladores e uma polícia a serviço desses órgãos controladores.

Isto é só para mostrar para [os liberais] que nenhum dos movimentos políticos e correntes de idéias que existem em circulação têm meios de lidar com o problema da globalização na escala global. Cada um deles só vê um pedaço da coisa, que é o pedaço que é determinado pela sua escala de prioridades. Se a sua prioridade é a liberdade de mercado, então você vai ver o globalismo em termos de liberdade de mercado. Mas, eu pergunto, e o resto que acontece paralelamente, e até em função disso? Ah, isso aí é considerado um problema secundário que a própria liberdade de mercado se encarregaria de resolver com o tempo — coisa que, absolutamente, não acontece. O fato é que, junto com a abertura dos mercados, aconteceu um crescimento formidável dos mecanismos internacionais de regulação e controle. As duas coisas vieram juntas, embora, do ponto de vista da pura teoria econômica, você não tenha como explicar isso aí. Por quê, em termos de economia, não tem como explicar que a simples abertura dos mercados fará crescer um poder de controle internacional? Porque isso não é um fator econômico, é um fator jurídico, político, geopolítico etc.

Do mesmo modo, quando você vê os enfoques comunistas, marxistas, da globalização, necessariamente eles vêem a globalização como um processo de crescimento capitalista que se opõe aos movimentos populares e de direitos humanos etc. Quando nós vamos rastrear o que está realmente acontecendo, nós vemos que todos estes movimentos, sem exceção, são todos eles criados, financiados, subsidiados e dirigidos desde a mesma elite global.

Por exemplo, esta semana eu escrevi um artigo (que deve sair a semana que vem) analisando, ou melhor, mencionando — em um artigo de jornal não é possível analisar coisa nenhuma — o livro da Frances Stonor Saunders, uma pesquisadora e historiadora inglesa. O livro chama-se "*Quem Pagou a Conta? A CIA na Guerra Fria da Cultura*" (Record, 2008). Lá pelas tantas, ela denuncia como uma dessas operações da CIA destinada a favorecer o imperialismo capitalista, o fato de que em 1969 a Fundação Ford deu um dinheiro para o Fernando Henrique Cardoso e outros professores demitidos da USP criarem o CEBRAP — Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. O jornalista Sebastião Nery, que é um sujeito notável pela sua inteligência glútea, imediatamente escreveu um artigo dizendo "Olha aí! A interferência! O imperialismo! O Fernando Henrique se vendeu para o imperialismo ianque!" etc... Acontece que a Fundação Ford desde os anos 50 já era acusada de favorecer a propaganda comunista, e todos os empreendimentos que ela financia no mundo são todos empreendimentos da esquerda — o gayzismo, o abortismo, o feminismo, cotas raciais etc. Todo mundo sabe que qualquer aluno que entra na USP, que foi

aprovado no vestibular da USP, já encontra um sujeito da Fundação Ford na porta te esperando para oferecer uma verba se você fizer a pesquisa que chegue à conclusão “x” ou “y”, favorecendo sempre essas causas da esquerda. Então, o fato de o Fernando Henrique aceitar esse dinheiro da Fundação Ford não representa, de maneira alguma, uma traição à esquerda. Mas quantas pessoas no Brasil sabem o que é realmente a Fundação Ford? A Fundação Ford, para eles, tem um nome americano — então deve representar o “imperialismo americano”.

Uma visão real do que está acontecendo aqui nos EUA ninguém tem no Brasil. Ninguém, ninguém, ninguém. É tudo filtrado pela lente de uma esquerda local, provinciana. É tudo visto numa escala onde o significado das coisas pode ser até invertido, onde uma fundação notoriamente pró-esquerdista, pró-comunista, etc, aparece então com a figura do “imperialismo ianque”. E o Fernando Henrique, que é um sujeito que tem uma atuação consistente de quarenta e tantos anos a favor do socialismo fabiano — esse socialismo fabiano é o chamado socialismo não-revolucionário, quer dizer, não é revolucionário no sentido de não ser violento, mas é revolucionário também, no sentido em que eu uso a palavra revolucionário —, que é um sujeito que tem uma folha corrida de serviços prestados a esse movimento, com uma coerência notável ao longo de quarenta ou cinqüenta anos, aparece, então, aos olhos de uma outra ala da esquerda, como se fosse um traidor pró-capitalista. E você sabe que toda a discussão brasileira é esta: PT versus PSDB. Quer dizer, essa é uma discussão interna de uma facção do movimento globalista. É claro que, nessa escala, assim como na escala de pensamento dos liberais, não é possível compreender o que se passa. Seria ridículo, absolutamente ridículo, você tentar imaginar que esse movimento de globalização tem por finalidade fazer os camaradas ganharem mais dinheiro. Isso é inteiramente absurdo! Os indivíduos que controlam o fluxo internacional de dinheiro não têm por que ganhar mais dinheiro. Ganhar mais dinheiro não faz sentido. O sujeito que controla o dinheiro, controla o valor do dinheiro. Então, **[00:30]** o que quer dizer “ganhar mais dinheiro”? Por exemplo, se você ganha um salário de dois mil reais e passa a ganhar quatro, então isso faz sentido para você. Mas para o controlador de dinheiro, que pode fazer dois valer quatro ou quatro valer quarenta, isso aí não faz a menor diferença. Todas as explicações econômicas para o globalismo são absolutamente fúteis, é claro que não se trata disso: As pessoas não vão tentar dirigir o fluxo inteiro da história humana só para elas ganharem mais dinheiro. Essa é uma visão de um provincianismo e de uma mesquinharia mental a toda prova. O fato é que entre os próceres globalistas vocês vão encontrar as pessoas mais idealistas, devotadas e altruístas do mundo; jamais pensaram em como elas vão ganhar mais dinheiro. Então é claro que o problema não é este.

Agora, que é um problema de poder, isto é. E o que é poder? Poder significa a capacidade que você tem de fazer os outros fazerem o que você quer. O poder é exercido sobre os outros, é uma vontade que se sobrepõe a outra vontade. Qualquer análise do fenômeno do poder, por mais elementar que seja, tem que partir de uma premissa que é completamente ignorada por toda a brilhante ciência social contemporânea: o fenômeno da diferença de poder entre os seres humanos. A diferença de poder entre um membro da espécie e outro

membro da espécie é uma das características mais constantes e fundamentais da presença humana no cosmos. Não há nenhuma outra espécie animal na qual dois membros sejam tão diferentes na quantidade e escala de poder que possuem quanto a espécie humana. Por exemplo, vamos pegar uma tribo de índios. Você tem um cacique, um pajé, que pode a qualquer momento determinar a morte de qualquer dos membros, quer dizer, tem poder de vida e morte. Este fenômeno não existe em nenhuma tribo animal. Se você pegasse um bando de leões, o leão mais forte não vai decretar a morte do leão mais fraco, a não ser que seja atacado por ele. Isto nunca acontece. Esta diferença, por mais longe que você remonte na história, se observa. E a diferença chega a ser a diferença entre o tudo e o nada, quer dizer, o sujeito que tem todo o poder e outro que não tem nenhum, nenhum, nenhum, nenhum, nenhum.

Esta não só é uma constante da história humana, como uma outra constante — não estrutural e permanente, mas uma constante de desenvolvimento — é o aumento da diferença de poder. Porque uma coisa mais simples é você entender que poder significa diferença de poder. O poder que não é quantitativo não significa nada, porque o poder é uma noção quantitativa. Então, digamos, se o poder é a capacidade que um sujeito tem de fazer o outro agir da maneira que ele quer, então tem mais poder aquele tem uma influência mais profunda sobre o outro, aquele que é capaz de determinar mais ações dele, e que tenha esta influência sobre mais pessoas. Então, neste sentido, o aumento quantitativo do poder dos poderosos ao longo do tempo é um fato óbvio. Por exemplo, no século XX aparecem tipos como Hitler ou Mao Tse-tung ou Stálin que têm a capacidade de, num golpe de caneta, determinar a morte de milhões de pessoas e aquilo vai ser executado sem discussão e sem oposição. Então você imagine a diferença de escala de poder entre Stálin sentado na sua mesa com sua caneta, e o sujeito que está lá jogado no fundo do Gulag sem ter o que comer, sem poder dizer “ai” e sem poder determinar nada do seu destino: ele não tem poder sobre sua vida nos próximos cinco minutos!

Diferenças como essas sempre existiram; acontece que elas aumentaram em intensidade e extensão ao longo do tempo, e este aumento está muitíssimo bem documentado no livro de Bertrand de Jouvenel que se chama *Du pouvoir*, *Do poder: história natural do seu crescimento* — É uma leitura obrigatória, não agora, mas mais dia menos dia vocês vão ter que ler esse livro. Dentro deste desenvolvimento, mesmo os empreendimentos que são tentados para diminuir o poder dos governos sobre seus cidadãos, ou dos reis sobre seus súditos, mesmo esses movimentos acabam aumentando o poder. É exatamente o que aconteceu nos EUA, que foram fundados com a idéia do poder limitado, tanto que o poder central é criado pelos poderes estaduais, você tem vários poderes estaduais, que se aglutinam e combinam entre si criar um poder federal que só terá os direitos que aqueles lhe concederem explicitamente; quer dizer, não existe uma soberania federal sobre os estados, mas ao contrário, uma soberania dos estados sobre o governo federal. Decorridos menos de cem anos, este processo já se tinha invertido...! Quando chegou a Guerra Civil Americana você já vê um crescimento formidável do poder central, ao ponto que muitos historiadores chegam a considerar Lincoln uma espécie de ditador: ele institui a censura à imprensa, prendeu um bocado de gente sem processo

nem nada. Encerrada a guerra, o sujeito que era o Presidente da Confederação, Jefferson Davis, ficou na cadeia um tempão sem processo nem coisa nenhuma. Aliás, ele pedia que o processassem, ele pedia que o acusassem formalmente para que ele pudesse se defender e nunca lhe deram esta chance. Então isso aconteceu em uma nação que foi concebida na base da limitação do poder central. Então mesmo esses movimentos que temporariamente parecem reverter o curso geral das coisas, acabam por fortalecer esta mesma tendência.

Então, esta diferença de poder que é um elemento estrutural na vida humana não é levada em conta em nenhuma teoria política existente. Eu considero um dos grandes escândalos intelectuais da humanidade o fato de que praticamente todas as teorias políticas considerem a existência da diferença de poder uma espécie de anomalia, uma coisa que poderia não acontecer. Mas, ao contrário, ela é um fator estrutural, constante, e é uma das condições que definem a própria presença humana no cosmos. Desde o início você vai ver essa diferenciação de poder. Junto com esta diferenciação de poder existe, também, automaticamente, a diferenciação de horizonte de consciência temporal. Quer dizer, o sujeito que manda ele tem uma capacidade de prever os acontecimentos na escala da sociedade inteira muito maior do que os membros da sociedade, que podem chegar ao ponto de ignorar totalmente qual será o curso das coisas no dia seguinte, ou no mês que vem, ou no ano que vem, ou seja, aquilo que está sendo planejado para eles. Este horizonte de consciência do planejador também vai aumentando ao longo dos tempos. O horizonte de consciência temporal quer dizer a capacidade de prever a longo prazo, e de agir coerentemente em vistas de objetivos de mais longo prazo **[00:40]**

Quando nós chegamos entre o século XIX e o século XX esta idéia do longo prazo aumenta, e cresce de uma maneira quase impensável. Quando vem o marxismo, ele já tem a idéia de um Estado futuro a ser alcançado, e naturalmente ele convoca as pessoas para que trabalhem por aquilo que ele mesmo diz que é inevitável; tem um futuro inevitável e todos têm a obrigação de trabalhar para este futuro, e este futuro se define pela propriedade pública dos meios de produção e pela abolição do Estado. “Abolição do Estado” significa o seguinte: como tudo será Estado, este não existirá mais como uma entidade diferenciada. Quando vocês ouvirem um sujeito comunista, marxista dizer “Não, o marxismo não é a favor do fortalecimento do Estado, ele é a favor da abolição do Estado”, essa é uma expressão ambígua. Ele não quer dizer que ninguém vai mandar em você. Ele quer dizer que não há nada fora do Estado, então o Estado não pode ser reconhecido como entidade independente. Quer dizer, o Estado não se perfila como entidade diferenciada em função de outros poderes, como por exemplo a Igreja, as tradições, as empresas, as famílias etc. Na sociedade atual ainda há uma série desses poderes intermediários — se bem que eles estão recuando cada vez mais. Então a idéia marxista “abolição do Estado” é a estatização de tudo. Isto supõe, evidentemente, no planejador marxista, no estrategista marxista a capacidade de ele prever as coisas a longo prazo, e de planejar as ações pessoais e coletivas no sentido de chegar a este objetivo. Mas... a coisa termina aí?

Ora, ao mesmo tempo em que existe o marxismo, existem outro movimentos independentes e anteriores ao marxismo, que buscam também um controle maior do “homem” — e já, já vocês vão saber o porquê eu coloco homem entre aspas — não só sobre a natureza, mas sobre o conjunto das condições que determinam a sua vida. Uma grande parte deste movimento vem de um treco que nós chamamos de ciência. Uma das promessas da ciência moderna, desde seu aparecimento com Galileu, Newton etc., é controlar o ambiente físico. Agora, nós só podemos controlar o ambiente físico através da ação humana. Ou seja, se nós não controlamos a ação humana nós não podemos controlar o ambiente físico. Então a idéia do controle do ambiente físico através do controle da ação humana é inerente ao espírito da ciência moderna e às promessas que ela pretende realizar. Até onde vão essas promessas? Você verá que se existe uma linha marxista que propõe realizar uma sociedade X ou Y amanhã, e uma outra linha, que vem da ciência, que propõe realizar tais ou quais alterações no ambiente físico, supostamente para favorecer o ser humano, e a ser realizado através do controle da própria ação humana, é inevitável que essas duas correntes tenham algum parentesco entre si, e que elas, de algum modo, ora colaborem entre si, ora entrem em conflito entre si; ou seja, existe uma ideologia científica e existe o marxismo, e às vezes um é a favor do outro, às vezes é contra. Há um parentesco [aí], e chega um momento na história, por volta dos anos 20 e 30, em que a fusão desses dois elementos, da ideologia científica — da expectativa científica, da utopia científica se vocês quiserem — e o da utopia socialista, se fundem e se unificam perfeitamente. Isto acontece sobretudo no meio anglo-saxônico com grandes cientistas de orientação marxista como John Burton Halden e John D. Bernal. Eram líderes, eram ídolos intelectuais do movimento marxista por serem grandes cientistas, pessoas com vários prêmios científicos etc, e ao mesmo tempo por serem porta-vozes do marxismo. Então, a fusão indissolúvel dessas duas correntes de planejamento do futuro aparecem, por exemplo, neste trecho de John D. Bernal:

> “ *Na prática da ciência já temos o protótipo para toda ação humana. Os métodos pelos quais esta tarefa é realizada, por imperfeita que seja a sua realização, são os métodos pelos quais a humanidade mais provavelmente assegurará o seu próprio futuro. No seu esforço, a ciência é comunismo*”.

E outro cientista, também da mesma orientação, C. H. Waddington, dizia:

> “ *A ciência por si mesma é capaz de fornecer à humanidade um modo de vida que é, em primeiro lugar, auto-consistente e harmonioso, e em segundo lugar, livre para o exercício daquela razão objetiva da qual depende o nosso progresso material. Até onde posso entender, a atitude científica da mente é a única que, no presente, é adequada a esses dois objetivos*.”

Então, a atitude científica deve estender-se a todos os domínios da ação humana, e ela é a única maneira de você articular as ações humanas de modo a obter um modo de vida que seja auto-consistente, harmonioso, e racional.

O parentesco da atitude científica com a marxista não pára aí. Vocês verão que ao longo do século XX, e com alguns recuos temporários, prevalece a idéia de que é a ciência que deve arbitrar todas as grandes questões públicas. Ou seja, a mentalidade científica é a base da respeitabilidade intelectual; uma coisa se torna respeitável na medida em que tem consistência científica. Portanto admite-se que possam haver outras atitudes baseadas na religião, na estética, nas preferências pessoais, nas tradições etc. Porém, quando entram em choque com a ciência, é esta que tem que prevalecer, evidentemente. Por quê? Porque ela tem o controle racional do processo cognitivo, e portanto o controle racional das ações humanas, ao passo que os outros controles são "irracionais".

Ao mesmo tempo em que há esta tendência de a "ciência" interferir cada vez mais nos debates públicos, e ser o grande árbitro, portanto a grande provedora dos valores culturais, morais, religiosos etc, existe uma outra tendência dentro da própria ciência que é a de especializar-se a um ponto em que os problemas internos de uma ciência já não são transmissíveis na linguagem geral. Essas duas tendências são fatos bastante observados e bastante reconhecidos. Você pode perguntar para qualquer físico e ele lhe dirá "Ah, mas esses conceitos fundamentais da física não são traduzíveis em termos gerais; eles só podem ser expressos matematicamente, e não há ponte entre eles e os conceitos gerais que nós usamos nas discussões culturais da humanidade." Ora, mas espera um pouquinho: se a ciência é o fator que deve presidir e organizar todas as questões culturais, as finalidades da vida, a seleção dos valores, e por outro lado esta ciência é incomunicável nos termos desses mesmos valores gerais, então isso significa o seguinte, que a autoridade que a ciência exerce sobre as questões gerais não é de ordem racional! Se você tem uma elite científica que está de posse de um conhecimento que é incomunicável, e ao mesmo tempo esse conhecimento incomunicável é o que deve arbitrar todas as questões de ordem geral, sem poder se expressar nos termos do debate geral, isto significa que a ciência há de legislar nesses debates gerais por meio de sentenças que são incompreensíveis ao restante da humanidade. **[00:50]**

Não é de espantar que a elite globalista, a elite dos grandes banqueiros internacionais se aproxime e busque uma espécie de simbiose com a classe científica, porque esta tem os meios científicos de realizar o controle global, e esses meios seriam não só incompreensíveis ao cidadão comum, mas impossíveis de serem expressos na linguagem geral. Mas ao mesmo tempo em que eles dizem que é impossível expressar na linguagem geral, eles estão continuamente escrevendo livros, e livros, e livros que traduzem as idéias científicas nos termos gerais. Você veja, todos esses livros tipo Richard Dawkins, Stephen G. Gould, Stephen Hawking, o que eles estão fazendo? Eles estão traduzindo na linguagem geral da cultura, da cultura superior evidentemente, aquelas mesmas idéias e conceitos que seriam teoricamente intraduzíveis.

A tentativa de legislar em nome do incomunicável e, ao mesmo tempo discutir o tempo todo em nome do incomunicável como se ele fosse comunicável é outra constante do século XX. E ao mesmo tempo, como este incomunicável depende de verbas estatais e de fundações privadas etc, etc, ele trabalha de

maneira estreitamente ligada à elite financeira internacional.

Você veja que aquilo que pesa sobre o cidadão comum não é brincadeira. Por um lado você tem todo o dinheiro do mundo, e por outro lado você tem toda a ciência do mundo. Porém você ainda tem os grandes movimentos ideológicos, os grandes movimentos revolucionários como o marxismo. Quando funde esses três, onde chegamos? Aonde vão parar as ambições dessas pessoas? Eu vou dizer para vocês onde vai parar a ambição. Eu vou pegar aqui outro trecho...Aqui temos dois discípulos do John D. Bernal que se chamam John D. Barrell e Frank Tipler. Eles dizem que “toda evolução do universo está indo para chegar a um ponto ômega” (como Teilhard de Chardin, quer dizer, ainda temos uma quarta linha que é a desse modernismo católico) “No instante em que o ponto ômega for atingido, a vida terá conquistado o controle sobre toda a matéria e todas as forças, não apenas num universo singular, mas em todos os universos cuja existência seja logicamente possível. A vida terá se expandido em todas as regiões espaciais de todos os universos que podem logicamente existir”. Com “vida” ele quer dizer é o ser humano.

O próprio Bernal diz o seguinte: “Uma vez aclimatada a vida no espaço é improvável que o homem pare até que tenha alcançado e colonizado a maior parte do universo sideral”. Isto é, as estrelas. “E mesmo é improvável que isso seja o fim. O homem, em última análise, não estará contente em ser um parasita das estrelas, mas vai invadi-las e organizá-las para os seus próprios propósitos. Não se deve permitir que as estrelas continuem vivendo à sua maneira antiga, mas elas tem de ser transformadas em eficientes engenhos produtores de energia. Pela organização inteligente, a vida do universo poderia provavelmente ser prolongada por muitos milhões e milhões de vezes aquilo que ela seria sem organização”.

Veja, aqui nós temos um problema: o rapaz está querendo enfrentar a segunda lei da termodinâmica, que diz que onde quer que haja um esquema produtor de energia a produção decresce, ela declina. Isso se chama entropia, quer dizer, energia declinante, porque as diferenças vão sendo equalizadas e a energia declina. Então isso significa o seguinte: pela segunda lei da termodinâmica o universo tem que acabar. Isto seria realmente lamentável, mas através da ação organizada nós podemos transformar todas as estrelas em fontes de energia e utilizando isso de maneira racional fazer com que o universo viva milhões e milhões e milhões de vezes mais do que ele viveria pela segunda lei da termodinâmica. Isso não é um escritor de ficção científica, ele não escreve isso como se fosse ficção científica. E existem milhares de cientistas que pensam como esse.

Freeman Dyson, também um discípulo de Bernal: “Supondo-se que nós descubramos que o universo seja naturalmente fechado e condenado ao colapso, é concebível que, por intervenção inteligente, convertendo matéria em radiação, e fazendo a energia fluir de maneira propositada em escala cósmica possamos quebrar o universo fechado e mudar a topologia do espaço-tempo?”. É verdade que ele faz isso com uma interrogação.

Outro, o próprio Barral e Tipler de novo: “Se a vida inteligente estivesse já em

operação em escala cósmica, antes que os buracos negros se aproximassem do seu estado explosivo, esses seres poderiam intervir para impedir os buracos negros de explodir". Ou seja, em última instância a vida humana existe com a finalidade de impedir que o universo se destrua. Então nós estamos aqui para dominar a circulação total de energia no cosmos e reverter a entropia e fazer com que o universo continue existindo indefinidamente.

Continua aqui Paul Davis: "Nós somos convocados a ver como a vida inteligente pode ser apta a guiar o desenvolvimento físico do universo para os nosso próprios propósitos e possamos conseguir obter sucesso em moldar o universo. Podemos mesmo ser capazes de manipular as dimensões do espaço mesmo, criando bizarros universos artificiais com propriedade inimagináveis. Então seremos realmente os senhores do universo."

Daí comenta aqui essa autora, Mary Midgley, uma autora muito interessante: "Esta perspectiva tem naturalmente o seu preço. Para isso as pessoas precisam transferir a sua consciência desde corpos orgânicos para máquinas. Então, para matérias cada vez mais sutilizadas, como poeira estelar, ou talvez luz." Ou seja, a inteligência do ser humano será embocada em máquinas e depois em matéria sutil. De qualquer maneira, como explica Bernal, "nessa época, os corpos já terão sido deixados para trás há muito tempo". E ele não coloca isso como uma hipótese de ficção científica, mas como o resultado lógico do tipo de humanidade que existe no presente. **[01:00]** Dyson, que é discípulo dele, diz: (...)

Transcrição feita por Flávio Montenegro e Luiz Felipe Adurens Cordeiro
Revisão feita por Ronald Pinheiro em 20/04/2009

[1:00] "Nessa época os corpos já terão sido deixados para trás há muito tempo." – e ele não coloca isso como uma hipótese, uma ficção científica, mas como o resultado lógico do tipo de humanidade que existe no presente. E segue dizendo: "é concebível que, em outros dez elevado à décima potência anos, a vida poderia se desenvolver para longe da carne e do sangue e tornar-se incorporada a um bloco de nuvens interestelares" — teoria aceita também por Fred Hoyle que me parece que foi prêmio Nobel — "ou num computador senciente." Isto aqui é a elite científica que preside os planos globais, sintetizando ali a corrente científica, a corrente marxista e os grandes poderes que formam hoje o plano de governo global. Nós estamos na mão destes caras. Qual é a ideia no fundo? É a seguinte: o Universo, como já dizia Teilhard de Chardin, existe para espiritualizar a humanidade. A humanidade vai se expandindo para o cosmos, dominando-o e transcendendo a sua forma física de existência. Passaremos então a existir como computadores sencientes ou como poeira interestelar inteligente. E teremos transcendido a nossa forma de existência corporal. É o que os caras chamam hoje de supra-humanidade ou trans-humanidade. Existem inúmeros cientistas e filósofos que defendem essa ideia, e esse pessoal trabalha intimamente ligado a esta elite globalista que os financia e neles se inspira ao mesmo tempo, de modo que é difícil saber quem manda em quem: se o pessoal do dinheiro ou o pessoal das ciências.

Há naturalmente uma certa ambiguidade: um certo poder intelectual dos

cientistas e filósofos não é um poder pessoal, eles não podem sair dando ordens por aí, mas a longo prazo são eles que formam a cabeça dos próprios banqueiros, a não ser que haja algum banqueiro que seja, ele próprio, um filósofo. O George Soros pretende ser um filósofo, mas eu não acredito que a maior parte dos banqueiros esteja nesse caso. Então, eles pagam os cientistas e filósofos para que eles os alimentem de ideias. E são essas ideias que vão, em última análise, dirigir os seus planos de curto e de longo prazo. O mundo no qual nós vamos exercer a nossa atividade intelectual é determinado por esses fatores. As universidades, institutos de pesquisa e organismos internacionais existem para isso.

Por que esses camaradas que se julgam materialistas estão tão interessados em transcender a matéria? Em transformar-se em puros espíritos interestelares? É claro que isso é a realização das promessas bíblicas pelas vias exatamente inversas. Não é que o ser humano seja uma criatura espiritual, pelo contrário, é apenas uma criatura material, mas através da ajuda da ciência e de um pouco de dinheiro ele pode se espiritualizar. Vocês já ouviram falar de um sujeito chamado Georges Gurdjieff, que quando recebia um novo discípulo lhe dizia: “Você pensa que tem uma alma, que é superior aos animais. Que nada! Você é tão material quanto um cão, mas você pode adquirir uma alma mediante um certa quantia em dinheiro.” É exatamente a mesma proposta. Quando dizemos que esse negócio de Nova Ordem Mundial tem um fundo satânico, não é exagero nenhum.

A ideia dessa imortalidade fabricada, na qual você abdica do seu corpo e se transforma em poeira estelar inteligente ou em um computador inteligente, é uma ideia que hoje inspira pesquisas que custam bilhões de dólares no mundo. Isto não é ficção científica? A Mary Midgley diz o seguinte: qual a diferença entre os escritores de ficção científica e esses camaradas? O escritor de ficção-científica, quando ele mostra coisas incríveis acontecendo no futuro, ele não quer dizer que estas coisas vão acontecer necessariamente. Ele está, através da imagem do futuro, fazendo a metáfora do presente. A nossa estrutura social, nossos dramas etc, aparecem projetados no futuro. O escritor de ficção-científica não pretende ser um profeta no sentido temporal da coisa. Quando Aldous Huxley, por exemplo, mostra aquela sociedade onde todas as pessoas são reduzidas à total impotência e são todos controlados por um governo, ele não quer dizer que isso vai acontecer necessariamente assim, mas que na mesma época dele haviam pessoas se esforçando para que isso acontecesse. Do mesmo modo o *1984*, ou *A Máquina do Tempo*, do H. G. Wells. A diferença entre esses escritores de ficção científica para estes caras é que estes últimos acham que isso vai acontecer realmente. Eles não estão fazendo uma imagem do presente projetado no futuro, eles estão falando do futuro efetivo, que pode ser um futuro de longuíssimo prazo, mas é a ideia desse futuro que está orientando a vida deles. E em toda essa coisa fica esquecido um único fator: a duração da vida humana. Se eu faço um plano para o futuro, mas este plano vai se realizar, não digo em dez elevado à dez anos — dez com um montão de zeros — mas em duzentos anos, eu não vou estar vivo para ver o que eu fiz, então eu jamais posso ser responsabilizado. E em que sentido eu posso dizer que eu controlo o futuro, se eu mesmo não estarei lá para vê-lo? Isto significa que o auge do controle significa um perfeito descontrole. A ideia é de que “o

homem”, o “ser humano” vai controlar a natureza. Mas qual homem? O homem quem, cara pálida? Eu ou você? Se você é o sujeito que tem uma ciência tão sutil que não pode ser nem transposta em linguagem e conceitos gerais, e só pode ser transposta no dialeto especializado da sua ciência absolutamente incomunicável, então está claro que é você que está com as cartas na mão e eu terei de padecer o futuro que você escolheu para mim.

O controle maior do homem sobre a natureza pode ser avaliado pelo fato de que, até hoje, não se consegue prever um tornado com mais de dez minutos de antecedência. Esse é o controle que nós temos. Repetidamente aparecem epidemias que não se sabe de onde vieram e que não se consegue controlar de maneira alguma. Então, nosso controle sobre a natureza é extremamente precário. Mas o controle de alguns seres humanos sobre outros seres humanos, este funciona.

Façamos a proporção: para cada centigrama de controle sobre a natureza que alguém adquire, adquire vários quilos de controle sobre outros seres humanos. Esse controle não é de tipo responsável porque é sempre de longo prazo, ultrapassando a duração da vida do seu autor. Então, não é bem um controle, é um par de dados que ele jogou para cair num dia futuro, e o resultado, ele não estará lá para ver. Isto é a mesma coisa que dizer que o futuro da humanidade atual está sendo decidido por uma elite de loucos. **[1:10]** Não posso negar que eles tenham um controle parcial sobre alguns processos de curto prazo. Por exemplo, nos últimos meses vimos um processo muito simples de como fazer dinheiro do nada. O senhor George Soros investiu oitocentos milhões na Petrobras, dois dias depois a Petrobras anunciou a descoberta do pré-sal e as ações do senhor George Soros se multiplicaram. Este ainda precisa fazer muito dinheiro. Passam-se meses e o senhor George Soros investe mais dinheiro na Petrobras, o Barack Obama diz que vai ajudar o Brasil a extrair o petróleo do pré-sal, as ações do homem crescem de novo e o dinheiro vai para as entidades que dão apoio a Barack Obama. Eles dominam esse tipo de processo de uma maneira fantástica. Como é que se transforma o prejuízo em lucro por meio da simples propaganda? Processos como esse eles controlam bem, controlam isso melhor do que uma epidemia. Por exemplo, vocês já ouviram falar da gripe suína. Ela não fez tantas vítimas assim, há um certo número de vítimas. Certamente a gripe comum mata muito mais gente, mas você anuncia que existe uma nova epidemia e que pode matar milhões de pessoas, portanto, você tem de criar novos mecanismos de controle. Já está em votação aqui nos Estados Unidos uma lei que permite, em nome da saúde pública, a invasão de qualquer casa sem mandado e a prisão de qualquer pessoa por tempo indeterminado. Para a proteção dela, evidentemente.

Note bem, é uma estupidez você imaginar, como Arlindo Abreu, que há o poder secreto que controla tudo. Na verdade, eles não controlam coisa nenhuma, eles estão interferindo. Eles interferem um bocado e tem capacidade de produzir acontecimentos, mas qual o controle que efetivamente eles têm? Nenhum. Não têm controle global sobre o futuro, mas tem controle sobre ações de curto prazo que modificam drasticamente a vida ainda dentro do prazo de duração da vida deles e que deixa efeitos incontroláveis para o futuro.

Eu vou dar um exemplo de como funciona a previsão: em 1985 a Universidade de Indiana consultou os trinta e cinco maiores especialistas sovietologistas dos Estados Unidos para saber qual seria o futuro da União Soviética. Conclusão unânime: não há o menor sinal de enfraquecimento, seja da economia ou seja do poder soviético. Seis anos depois a coisa caiu. Algum deles apareceu em público para pedir desculpas? Não. Também tem o famoso livro do Paul Kennedy, *Ascensão e Queda das Grandes Potências*, que eu já mencionei aqui, que também fazia a mesma previsão. A economia americana vai cair e a russa vai subir, e, daqui a cinco anos, a Rússia dominará a economia internacional. Depois que aconteceu o contrário, Paul Kennedy não veio pedir desculpas e já escreveu outro livro para dizer mais previsões. Essas pessoas são pagas pela elite globalista para fazer estas previsões o tempo todo. Ou seja, a ideia do controle maior do futuro, na verdade, é de um descontrole enorme. É de uma interferência aprofundada, mas esta interferência tem um efeito antes caótico do que ordenador. É neste ambiente que nós vamos iniciar a nossa vida intelectual.

Eu espero que vocês entendam que todo o aparato universitário do mundo está encaixado dentro dessa Nova Ordem. Verbas de pesquisas são inteiramente controladas por essas pessoas. A distribuição maior ou menor de prestígio científico, literário etc, também. É claro que existem rombos imensos, eles não tem um milésimo do poder que alegam, mas você pode se deixar impressionar por isso e querer encontrar o seu lugarzinho nesse esquema, ou querer “se utilizar do esquema” para outras finalidades. Tudo isso é impossível. Impossível. Agora, o que é possível? É possível você levar uma vida intelectual totalmente independente. Só que você tem de criar os seus próprios meios de divulgação, de subsistência etc. E evidentemente você tem de estar equipado com técnicas, com conhecimentos e com uma certa força de caráter e de espírito que supere a dessas pessoas. Se você tiver um pingo de medo desta coisa, pronto!, você já vai cair de quatro nesse esquema e vai ficar burro na mesma hora. É por isso que nessas aulas eu tenho insistido tanto neste lado psicológico e moral da coisa. De certo modo, o simples exercício da vida intelectual, se é para ser levado a sério, vai exigir que os seus protagonistas sejam homens de ferro, eles precisarão de uma coragem moral e até física muito grande. Essa coragem moral significa que você não deve se deixar impressionar por absolutamente nada. Como é que você não se deixa impressionar? Ora, por trás de todas as imagens de ordem, previsibilidade, controle etc, que são passadas por este *establishment*, existe efetivamente uma ordem. Que o universo constitui alguma ordem, isto é a coisa mais óbvia do mundo. Há elementos de desordem e de caos — mais tarde, quando estudarmos a metafísica, vocês vão ver por que o elemento de caos e de absurdo tem de estar presente também na ordem total — mas de modo geral há uma ordem objetiva que não depende absolutamente do ser humano, ela já vigorava muito antes [dele existir] e é dentro dessa ordem que ele surge. Ele não precisa compreendê-la, no mais mínimo que seja, para que ela continue vigorando, e a própria capacidade que ele tem de compreender algo dessa ordem faz parte da própria ordem, está previsto na própria ordem. Para você poder continuar exercendo a sua vida intelectual de maneira frutífera, você tem de acreditar realmente que essa ordem existe e não esquecer que ela existe, ainda que ela não tenha nada a ver com o que todo mundo está

dizendo a respeito dela. Essa ordem implica a existência da racionalidade humana como um de seus componentes e implica algum diálogo entre a racionalidade humana e a própria ordem, ou seja, o fato de que o homem seja capaz de compreender pelo menos aspectos desta ordem, ou de compreendê-la em termos muito genéricos, faz parte da própria ordem.

Isto quer dizer o seguinte: o universo não é incompreensível, mas também não é totalmente administrável. Você deve permanecer fiel à ordem objetiva ainda que você não a conheça. Você não precisa saber de nada à repeito dela, basta saber que ela existe. E isto é o que você percebe, na experiência que nós falamos, da presença do ser. Essa experiência basta, por exemplo, para você tirar de uma vez por todas a ilusão de que a sua mente ordena os dados do exterior. Se a sua mente for privada da presença do universo objetivo e físico durante uma única fração de segundo, ela se desmantela. Por exemplo, vocês sabem o que acontece nos experimentos de privação sensorial: prende-se o sujeito dentro de um lugar onde não chega nem som e nem luz. Basta privá-lo disso que a cabeça do sujeito esfarela. Basta essa experiência para você entender que sua mente não ordena nada. Nada, nada. A sua mente se organiza a si própria à partir de padrões que lhe chegam do exterior, do universo efetivamente existente, da ordem do ser. Como já diziam Platão e Aristóteles, existe a ordem do ser e nós podemos recebê-la, percebê-la e nos amoldarmos a ela. Se você permanecer fiel a isto, parcelas desta ordem vão se revelando a você, na medida das suas necessidades.

Quando, por exemplo, Stephen Hawking diz que o nosso propósito é obter uma descrição completa do universo existente, ele está absolutamente louco. O que significa uma descrição completa? No instante em que você terminou a sua descrição parou de acontecer coisas? E se tiver alguma pergunta que você não lembrou de fazer? A capacidade de fazer perguntas vai acabar? A descrição completa significa que é a resposta universal para todas as perguntas, nenhuma pergunta mais é concebível. Ou seja, toda esta atividade dessa ideologia científica é baseada na ideia da descrição total, do conhecimento total e do controle total. Esta ideia é eminentemente psicótica. Ela não é realizável, mas ela é vendável aos seres humanos e pode exercer fascínio e terror sobre as pessoas. Se você se deixa fascinar ou aterrorizar por elas, pronto, você é mais um trouxa.

Hoje, quando eu leio este trecho do John Lee Bernhold, começo a dar risada. Mas veja, na década de trinta, que na Inglaterra foi chamada de “a década marxistizante”, em que todo mundo era obrigado a ser marxista na Inglaterra, aquilo parecia ser uma coisa muito lógica, e, se o Bernhold falou, todo mundo tem de aceitar. Ninguém riu da cara dele, mesmo quem não concordou, não riu. Hoje a gente já pode rir. E essas pretensões, como as do Stepehn Hawking ou do Richard Dawkins, que fez uma coletânea de teratologia científica monumental e diz que agora que temos a biologia — sobretudo a que ele mesmo pratica —, não precisamos depender da superstição para responder a perguntas como: qual a finalidade da existência ou o que fazemos aqui. Ou seja, a biologia nos promete responder a todas essas coisas. Agora, pergunte a um biólogo por que existem as pedras. Eu não creio que isso dependa da biologia. Essa pretensão da explicação de tudo é, em si mesma, psicótica e

prova um nível de ignorância das questões elementares tão imensamente grande, que é claro que é uma forma nova de barbarismo. O indivíduo que não entende que a ignorância com relação a partes imensas da realidade faz parte da estrutura da mesma da realidade não entendeu nada. O homem é um ser finito e dura um certo tempo. Para ele obter um conhecimento de tudo precisaria ter uma vida infinita, evidentemente. O que significa você ter um conhecimento total durante uma fração de segundo? Significa não ter conhecimento nenhum. “Ah! Tive uma visão do todo e depois esqueci”. Então, que todo é esse? Um todo que durou somente aquela fração de segundo, portanto, é somente uma fração do todo, ou seja, não é compatível com a estrutura da existência humana. A descrição total da ordem do cosmos não é compatível. A ordem cósmica existe e revela para nós alguns aspectos, conforme a nossa necessidade e conforme a conjuntura do momento. Você entrevê, tem uns clarões que mostram o todo? Não. Só é revelado aquilo que você precisa no momento, e isto é tudo a que podemos aspirar.

Ora, isso significa que a verdadeira relação do ser humano com a ordem universal tem de ser uma uma relação de confiança, paciência e modéstia. Isto é tudo o que é possível fazer. Sócrates e Platão já sabiam disso, como é que estes caras puderam esquecer? Essas pessoas, como Dawkins, não são capazes sequer de ler um livro de São Tomás de Aquino. Eu lhes asseguro: ele não é capaz de acompanhar o pensamento de São Tomás de Aquino ao longo da *Suma Teológica*. Não é capaz. Como um sujeito desse aparece com a ideia de que ele agora vai ter todas as explicações sobre a finalidade da vida?

Enfim, descemos a um nível de barbarismo que há apenas alguns anos era absolutamente inaceitável, exceto na Inglaterra no período marxistizante, ali os caras aceitavam isso. Mas se você dissesse essas coisas em outros lugares, todo mundo ia saber que você era um idiota, porque nem os escritores de ficção científica tinham essa pretensão. O livro chama-se *Science and Salvation*, de Mary Midgley. Não precisa ler agora, nós vamos publicar este livro. Aguente a mão. É uma pequena joia. Mas eu acho que os livros que vocês tem de se ater agora são os livros que são fundamentais para a formação dos critérios básicos, e não livros de informação sobre problemas da atualidade. Livros de informação são milhares e tem muitos muito bons, é uma bibliografia que não acaba mais. Só na bibliografia do negócio da mente revolucionária vai ter uns quinhentos livros no fim das contas. Todos eles são obras para você ler rapidamente, se informar e passar adiante. Mas não acho que isto seja o bom para agora. Por exemplo, um livro como aquele do Joseph Maréchal, aquele é um livro formativo, é outra coisa. Ou os próprios clássicos da filosofia. Então, não se preocupe muito com o livro, nós vamos editá-lo, mas não é prioridade. O que interessa são essas informações que estou dando aqui com uma finalidade que não é exatamente a finalidade dela no livro, mas sim como uma informação sobre o cenário no qual irá se desenrolar a sua vida intelectual, e também como um alerta, no sentido de que você precisará cultivar um tipo de independência de espírito em relação à sociedade, ao *estabilishment*, à cultura contemporânea, que o sujeito só consegue quando tiver total dependência em relação à ordem objetiva. É a sua total obediência e conformidade com a ordem da realidade objetiva que lhe permitirá se sobrepor às pseudo-ordens que estão sendo vendidas para você pela cultura contemporânea. O exercício

que eu falei da presença do ser, você tem de fazer muitas vezes para você lembrar que para além de o todo blablablá de Stephen Hawking e Richard Dawkins existe o universo objetivo e a presença do ser. Ela não é substancialmente diferente daquilo que Sócrates, Platão ou Lao Tsé viram. E essa presença objetiva, essa presença do ser não se confunde com a presença de um universo físico e material, mas ela o inclui.

[1:30]Veja, também, esta ideia materialista. Até hoje ninguém definiu o que é matéria. Os camaradas acabam de dizer que matéria é um negócio que ocupa um lugar no espaço e no instante seguinte eles estão falando de neutrinos, de partículas que, não apenas não ocupam nenhum lugar no espaço, mas às vezes ocupam até dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Ou seja, esse conceito não faz sentido nenhum. Matéria é uma metáfora que vem da ideia de *mater* (mãe). De onde você tira isso? Você tira do seguinte: de que se compõe um óvulo? Compõe-se de sangue. E o espermatozoide fecunda o óvulo, quer dizer, desperta nele um potencial que ali não tinha antes, desperta nele um processo, que é a formação de uma vida, para o qual esse sangue entra como matéria. Então, você é feito do poder gerador do seu pai e do sangue da sua mãe. O que esses caras estão querendo dizer é o seguinte: é a matéria que se fecunda a si própria; é o sangue que se fecunda a si próprio, sem necessidade de um aporte exterior. Matéria está ligada a *matrix* que é útero; *mater* que é mãe; *metro* que é unidade de medida. Por exemplo, qual é o tamanho que o sujeito vai ter? O pai dele pode ter dois metros e dez, mas se a mãe for mal alimentada durante a gestação não vai haver sangue suficiente para fazer senão um sujeito de um metro e cinquenta. Então a matéria o que é? É a medida, é a quantidade. A explicação maravilhosa disto está nos dois primeiros capítulos do René Guénon no *Reino das Quantidades e o Sinais dos Tempos*, que é uma coisa simplesmente magistral. Eu tenho todas as críticas ao René Guénon, mas tem alguns pontos ali que são maravilhosos. Em última análise é a ideia de forma e matéria de Aristóteles — Guénon não acrescentou nada à ideia de Aristóteles — mas explicada de uma maneira absolutamente magistral. A ideia de que a matéria em si tenha a capacidade de se autogerar é uma ideia que surge durante a Revolução Inglesa, porque, para fundamentar a ideia do espontaneísmo das massas revolucionárias era necessário ter um conceito científico que a fundamentasse, então a matéria passa a ter capacidades que antes não tinha. Isso foi uma chantagem política, e até hoje você não tem nenhum conceito de matéria que seja mais científico do que isso aí. Matéria é uma metáfora, uma figura de linguagem e continuará sendo uma figura de linguagem.

Ora, quando nós temos uma figura de linguagem nós podemos perguntar: mas a que realidade essa figura de linguagem corresponde? A figura de linguagem tem naturalmente vários sentidos, alguns deles contraditórios entre si, e você pode, decompondo as várias camadas de sentidos, saber a que é que aquilo corresponde na experiência, ou não corresponde. Para isto seria necessária uma análise filosófica do conceito de matéria. Porém, se você começa a analisar você vê que o conceito de matéria é inteiramente imaterial. É um conceito que chega a uma auto-contradição. “Ah, mas nós queremos continuar operando com esse conceito.” Então, o que eles fazem? Eles formalizam o conceito, criando um critério de reconhecimento. Por exemplo, na hora em que

o sujeito diz que matéria é uma coisa que ocupa um lugar no espaço — o que é uma definição meio primitiva —, isto não é uma definição, isto é um critério de reconhecimento. Se você disser que todos os processos que acontecem no mundo emergem da matéria, então você vai ter de dizer que esse conhecimento que você tem da matéria também emerge da matéria. Mas esse conhecimento, em si mesmo, não é material. Então, a matéria está agindo imaterialmente, quer dizer, no primeiro passo que você dá com esse conceito você já esbarra em absurdidades. Agora, se você fizer a lista das metáforas e figuras de linguagem que são usadas na ciência — a Mary Midgley aqui cita uma lista —, por exemplo, o conceito de informação: *O ADN* passa a informação*.* Mas, espere aí, ele é uma estação de rádio? Ele é um livro? É um ser humano falante? Não. Então, você quer dizer que aquilo que o ADN está passando não é exatamente uma informação, mas é algo que se parece com uma informação. Você está designando a coisa por uma analogia. “Ah, vamos tornar isto mais preciso!” Eu digo: não há como. Você vai continuar operando com essas figuras de linguagem.

Quando a ciência efetivamente conhece algum processo da natureza objetiva, ela o conhece porque há uma equivalência, há um diálogo entre a inteligência humana e a estrutura da realidade objetiva. Não é que tem um caos do lado de fora e a sua mente o põe ordem. Ora, se você é um componente da ordem do real, e a ordem do real é um caos, como é que esta parte, especificamente, conseguiu botar ordem na outra? Como é que a parte conseguiu colocar ordem no todo? Quer dizer, se o mundo é um caos, sua mente teria de ser um caos também. Então, alguma correspondência, algum diálogo, existe. Mas esse diálogo é necessariamente incompleto, não só por causa das famosas limitações da nossa mente, mas porque a incompletude faz parte da própria natureza do real. A ordem cósmica jamais pode ser completa porque estão acontecendo coisas o tempo todo e uma coisa só está completa no fim. O princípio de incompletude, de imperfeição, está imbricado na própria existência de ordem natural. A ordem natural não pode ser perfeita, porque perfeito só Deus. Perfeito só o infinito. O finito nunca pode ser perfeito. Perfeito quer dizer “aquilo que está acabado, está fechado”. O infinito pode ser perfeito sem ter fim, agora, o finito, não. Se ele tem um fim é porque acabou. Essas experiências fundamentais que nos revelam parcelas, relances da ordem natural, têm uma correspondência com a realidade, porém, essa correspondência nunca é perfeita, e por isto é que nós precisamos sempre das figuras de linguagem. Nós entendemos uma coisa por outra, por uma semelhança, mas essa semelhança não pode ser total, porque se fosse semelhança total seria igualdade, identidade.

O que é uma analogia? É uma síntese de semelhanças e diferenças. Tudo que nós entendemos, nós entendemos por isso. Por que? Porque nossa mente é imperfeita e não consegue captar a perfeição inteira da ordem natural? Não, porque a própria ordem natural é assim também. A própria ordem natural tem similaridades, tem ambiguidades, porque ela não é uma perfeição infinita. Isto quer dizer que a própria inadequação dos nossos conhecimentos é uma forma de adequação. A adequação dos nossos conhecimentos ao mundo exterior que nós descrevemos é uma adequação imperfeita que revela a própria imperfeição da ordem real existente. Então, o uso de metáforas, de figuras de

linguagem não depõe contra o conhecimento, não depõe sequer contra a própria ciência, mas depõe contra o cientista que acredita que tudo o que ele está falando é literal e que acredita que a atividade dele, por ser mais exata etc, é infinitamente superior a de um poeta ou de um dramaturgo, quando não é. É exatamente a mesma atividade. Quando aumenta a perfeição das medidas, ela não aproxima você da realidade, porque você está apenas usando procedimentos matemáticos para tornar a sua analogia, a sua figura de linguagem, mais expressiva. Não o aproxima do real. Uma lei de física não é mais real do que um verso de Camões em sentido nenhum do mundo. Essa história das duas culturas, de que existe aqui a cultura das artes e existe do outro lado a cultura da ciência, isto é um mito criado por um charlatão chamado C. P. Snow **[1:40]**.

Seria interessante vocês lerem um livro de F. R. Leavis sobre a famosa conferência do C. P. Snow sobre as duas culturas no qual ele reduz o sujeito a zero! Basta ter estudado um pouquinho a Teoria dos Quatro Discursos para ver que não existe uma coisa para um lado e a outra para o outro, existe uma gradação e os limites entre os vários discursos são fluidos. Não nos conceitos, estes são muito claros. Mas a passagem de uma linguagem para outra é problemática, porque ninguém usa uma linguagem que seja perfeitamente poética, ou perfeitamente retórica, ou perfeitamente dialética, isto é impossível. Há uma gradação com limites esfumados e isto é tudo que nós podemos alcançar. Então, não é exato, de maneira alguma, por exemplo, dizer que existem ciências exatas: elas podem ser exatas nas suas medições, mas não nos seus conceitos. Aliás, é contrário: o sujeito se prevalece da exatidão da medição só para poder continuar usando os conceitos que são totalmente elásticos e nebulosos, como por exemplo, o conceito de matéria.

Toda esta cultura da modernidade científica está tentando fazer da classe científica um novo clero que tem o direito de governar todo mundo, tomar decisões por eles, dizer o que você pode comer, o que não pode comer, tudo o que você pode fazer ou não. Em nome do que? De um conhecimento intransmissível, que é ao mesmo tempo intransmissível e é o critério de julgamento de todas as questões públicas. Mas que coisa mais louca! É claro que por detrás dessa desordem continua existindo a ordem. É só você olhar os processos naturais – não como as ciências os descreve – mas como você os observa a olho nu, e você verá que existe uma ordem, uma regularidade. Claro que se você observar esse mesmo processo numa outra escala ele deixa de parecer regular, porque se fosse a ordem total e perfeita em todas as dimensões, então teria de ter um Universo acabado onde não poderia acontecer nada de novo.

Então, uma das características da ordem é que ela não é plana. Ela tem vários níveis onde as coisas aparecem mais ou menos organizadas conforme a escala na qual você olha. Tudo isto são coisas que Sócrates e Aristóteles já sabiam, mas que hoje parecem bichos de sete cabeças. Então, o que nós temos de fazer é dirigir a nossa vida intelectual na base da fidelidade à ordem do real, ainda que nós não a conheçamos. Se você sair deste mundo sem ter compreendido nada da ordem do real, isto vai fazer alguma diferença para ela? Não! Olhe que reconforto que é isto! Se eu permanecer perfeitamente

ignorante do Universo, isto vai impedir o Universo de funcionar? Não. Então, isto quer dizer que eu não preciso ter aquela avidez de responder a todas as perguntas, que é o problema desses malucos! Eles querem responder todas as perguntas porque eles acham que se eles não cuidarem do Universo, o Universo vai acabar.,vai haver a entropia e vai acabar com tudo. É claro que isto é um delírio persecutório. Se o Universo estiver destinado a acabar, o ser não pode acabar. O total encerramento deste Universo aqui nada representaria na ordem do ser: não podemos compreender o ser senão na dimensão de infinitude e eternidade. Agora, esses camaradas, o que eles fazem? Eles pegam a existência do Universo espaço-temporal e a absolutizam: é a única coisa que existe! “Ah, então se acabar nós estamos ferrados, então nós temos de impedir que acabe”. O que tem de fazer com esses caras? Tem de interná-los imediatamente. Quer dizer que você acha que o cosmos depende de você? E que se você não tomar uma providência esta porcaria vai acabar? Teve um filme feito por aquele idiota, Tarkowsky, o cineasta russo, em que o Universo dependia de que um sujeito fizesse uma coisinha qualquer — eu tinha gostado do primeiro filme dele que era o *Solaris,* que já dava uma insinuação dessa que a mente humana altera o ambiente cósmico, mas alterava em medida modesta. Mas quando chega no outro filme, *O Sacrifício,* as ideias do idiota são o pilar da humanidade: chega uma hora em que o sujeito fica desesperado e ele sai correndo com um roupão. Ele tinha acabado de levantar e estava com um roupão e atrás do roupão dele tinha um emblema do Yin e do Yang, e ele achou que aquilo era muito simbólico. Eu estava no cinema e não consegui me impedir de rir. Ele quer passar a mensagem simbólica e então o que ele faz? Coloca o símbolo no roupão do cara: o sujeito semi-pelado correndo com o roupão com o símbolo do Yin e Yang, carregando a ordem cósmica nas costas! Ah, não! Não é possível! Vamos parar de palhaçada! Essa é mentalidade desses camaradas.

Então, a nossa mentalidade tem de ser exatamente a contrária. Nós temos de ter um reconforto na ordem do real, saber que ela não depende de nós. Eu já citei aqui o exemplo do sujeito que nadava na praia Vermelha, em Ubatuba. Era uma praia que tinha ondas de cinquenta metros e o cara ficava lá boiando em cima daquilo, perfeitamente confortável! Ora, a nossa vida é assim também, nós temos de ficar confortáveis em cima de uma onda de cinquenta metros. O nosso reconforto é na eternidade do ser. Prepare-se para a liquidação do Universo. O Universo será rasgado como uma folha de papel e isto em nada alterará a ordem do ser. É nisto que nós temos que pensar.

[intervalo]

Antes de começar a responder a perguntas, eu vou ler mais um trecho aqui. Olha, o que esta mulher [Mary Midgley] leu de besteira para escrever este livro é impressionante! Um trecho escrito pelo geneticista John Burdon Haldane, que, salvo engano, foi Prêmio Nobel:

Se é verdade, como ensinam as grandes religiões, que o indivíduo só pode alcançar uma vida boa conformando-se a um plano maior do que o dele próprio, é nosso dever perceber a possível magnitude desse plano, seja ele de Deus ou do homem. Ou a mente humana provará que seu destino é a

eternidade e a infinitude, ou chegará um tempo em que o homem e todas as suas obras perecerão eternamente.

Vejam que coisa: o sujeito está preocupado com a infinitude e a eternidade. Ele pega as sentenças das grandes religiões, ou seja, o homem só se realiza se ele estiver inserido na escala da infinitude e da eternidade, mas ele coloca essa infinitude e essa eternidade no futuro. Portanto, a espécie humana, no futuro, deve alcançar um domínio tal do cosmos que ela esteja na escala da infinitude e da eternidade. Mas e todos os homens que viveram antes? A mensagem das grandes religiões, pelo menos do cristianismo, é a seguinte: a sua vida tem um sentido eterno, infinito, agora, mesmo que você dure 10 minutos, e isso não depende do que a humanidade vier a realizar no futuro. Ao contrário: você vê que as previsões do apocalipse quanto ao que a humanidade vai fazer no futuro não são nem um pouco animadoras. A sua vida tem um sentido eterno porque você está dentro da eternidade. Nada que esteja fora da eternidade existe por um só minuto. Agora, pessoas que são incapazes de pensar a dimensão da eternidade a não ser no tempo, como Haldane, criam uma espécie de eternidade temporal a ser realizada no futuro. Ora, quer dizer que essas pessoas do futuro terão um privilégio eterno que nós não temos. Nós somos meros bichinhos, mas nós vamos gerar anjos e deuses daqui a dez mil gerações. Grande consolo! Longe de ser um sentido da vida, isto seria uma piada macabra. Ou seja, aquilo que ele enxerga como a coisa mais linda do mundo, vista na escala normal humana é de uma monstruosidade atroz. O curioso é que ele diz o seguinte: nós precisamos de um plano maior do que a escala da nossa vida **[1:50]**. É o famoso sentido da vida do Viktor Frankl. Mas ele diz que pouco importa que esse plano seja de Deus ou do homem. Mas se você está se conformando com o plano que foi feito por um outro sujeito, esse sujeito também não é eterno, então você está apenas tendo uma existência temporal um pouquinho mais comprida, sendo procurador de um outro.

Mas isto não modifica em absolutamente nada a situação: ou existe o sentido eterno agora, porque a eternidade está presente e nada acontece fora dela, ou ele jamais existiu (eu já expliquei isto uma vez: aquilo que entrou no ser, jamais sai; nada que entrou no ser pode voltar ao nada, porque o nada jamais existiu). Se o vento balançou a folhinha, isto aconteceu de uma vez para sempre. Isto não desacontece. Na escala da eternidade tudo é eterno. Nada se dissipa! Nada! Nada! E é preciso entender que isto é absolutamente necessário. Agora, se você não consegue conceber esse plano de eternidade, se para você é tudo fluxo e transformação, então que raio de eternidade é essa? “Eternidade futura” é expressão absolutamente auto-contraditória: se é futuro não é eterno. Como é que um sujeito que diz que é um cientista, um pensador, escreve uma besteira deste tamanho?! É verdade que a Mary Midgley dá aqui uma atenuante: ela diz que o Haldane não voltou mais ao assunto. Mas o tal do Bernal (John Desmond Bernal), que era cupincha dele, passou a vida inteira falando dessas coisas, e isto fazia parte da utopia marxista, assim como o Trotsky dizia que no socialismo todo varredor de rua seria um novo Michelangelo e ao mesmo tempo seria um Einstein, ou um Napoleão Bonaparte, dependendo da ordem do dia. Marx também dizia isto. Quer dizer: a utopia social e a utopia científica estão juntas! São exatamente a mesma coisa! E o Bernal tem razão: ciência nesse sentido é o comunismo. Para

você chegar à administração total do cosmos você tem que ter a administração total de todas as atividades humanas. Agora eu pergunto: quem vai ter a administração? Sou eu que vou administrar o Haldane, ou o Haldane que vai administrar a mim? Então, ele terá o controle de tudo e eu não terei o controle de nada. Eu tenho de me conformar com as ideias que ele deduziu de uma ciência que ele mesmo diz que é intraduzível na minha pobre linguagem filosófica humana. Então, é um código secreto!

Bom, vamos responder a algumas perguntinhas aqui:

Aluno: Primeiro, parabéns por esta aula! Está do caralho! Minha pergunta é a seguinte: entre os grandes atores mundiais, elite globalista, máfia russa, generais chineses e movimento islâmico quem o senhor acha que vai prevalecer no final?

Olavo: Eu estou apostando no Islã. O Islã é o único que tem alguma perspectiva de vencer isto aqui. Porque os outros todos dependem de um controle muito grande, e, o Islã, não. O Islã é disseminado, tem milhões e milhões e milhões de pessoas que estão com o plano islâmico na cabeça e que conscientemente estão se dedicando a ele. Agora, quantas pessoas estão se dedicando conscientemente ao projeto da elite globalista? Não podem ser muitas pessoas, porque esses projetos não podem ser revelados claramente como eles são. Eles têm de ficar meio encobertos. Então, vai ser sempre assim: tem uma elite que colabora, que dá a vida e tem um monte de idiotas que trabalham compreendendo só parcialmente algumas etapas do processo. No Islã, não! A escatologia islâmica todo muçulmano conhece e todos eles querem colaborar para ela. Eu acho que é o Islã que vai colher essa coisa toda. Eu não estou jurando, mas eu acho que é.

Aluno: O que o milagre tem a ver com essa situação mundial contemporânea descrita pelo senhor? O senhor disse em aula que é impossível compreender a situação contemporânea sem compreender o que é o milagre.

Olavo: O milagre é fundamental, porque ele mostra que a ordem do ser não coincide com a ordem do Universo, que a ordem do Universo é apenas um aspecto da ordem geral do ser. A ordem geral do ser é a eternidade. Este Universo ou quantos Universos existam são aspectos da ordem eterna. Então, o milagre não é o instante em que as leis naturais são violadas. Eu não conheço nenhuma lei natural. Não conheço, realmente, nenhuma. Eu conheço generalizações parciais que os cientistas fizeram sobre algum fenômeno, e que daqui a pouco eles voltam atrás e dizem que não é bem assim. Isto é o que eu conheço. Não há leis naturais eternas para ser violadas. O que acontece no milagre é exatamente que leis eternas, supra-universais, fazem valer a sua presença, mostram a sua presença. Por isso é que eu digo que os milagres são os acontecimentos mais importantes porque eles revelam a verdadeira ordem, a ordem eterna. A nossa ideia de ordem natural é grandemente exagerada. Para cada elemento de ordem que você encontra no universo, você encontra um de desordem e de caos. É inevitável que seja assim. Já expliquei isto no livro *O Crime da Madre Agnes,* publicado acho que em 1982: o elemento de perturbação e caos é necessário na própria ordem universal porque ela não é

uma ordem integral.

Aqui o Fabrício Soares me manda um parágrafo do Arthur Whitehead. Ele diz:

> *Fé na razão é confiança de que as naturezas últimas das coisas encontram-se juntas em uma harmonia que exclui a mera arbitrariedade. É a fé de que na base das coisas não encontraremos um mero mistério arbitrário. A fé na ordem da natureza, que tornou possível o crescimento da ciência, é um exemplo particular de uma fé mais profunda. Essa fé não pode ser justificada por nenhuma generalização indutiva. Nasce da inspeção direta da natureza das coisas com a descoberta de sua própria experiência presente e imediata. Não há como separar-se da própria sombra. Experimentar essa fé é reconhecer que ao sermos nós mesmos somos mais do que nós mesmos. Reconhecer que nossa experiência, mesmo opaca e incompleta como é, ainda ecoa a mais profunda realidade. Reconhecer que detalhes separados, meramente a fim de serem eles próprios, deveriam ser decifrados dentro de um sistema de coisas. É reconhecer que esse sistema inclui a harmonia da racionalidade lógica e a harmonia estética. Reconhecer que enquanto a harmonia da lógica baseia-se num universo com uma necessidade irredutível, a harmonia estética está dentro dele como um ideal de vida que forma o fluxo geral do seu progresso interrompido junto às questões mais delicadas e eminentes.*

Eu acho que a primeira parte disto aqui está muito certa, mas a segunda tem um exagero. A ideia da ordem universal como necessidade irredutível não é aceitável de maneira alguma. Há aspectos do universo que obedecem a uma necessidade e outros que obedecem a uma arbitrariedade e a um caos. Necessidade irredutível só existe na escala da eternidade e onipotência. Ou seja, é a possibilidade infinita. A possibilidade infinita não contém contradição em si mesma, mas ela determina a existência de contradições. Por exemplo, o fato de o que quer que limite a infinidade do infinito é auto-contraditório. Existe uma série de elementos, até na experiência, que nos demonstram isto constantemente: quando entram em choque certas ideias que você tem, certas convicções que desmentem de alguma modo a infinidade do infinito, ou o identifica com o finito.

Também a diferença de racionalidade lógica e harmonia estética. Eu não acredito que isto existe, de jeito nenhum! Eu não acredito que exista arte e ciência. Eu só acredito que existam conhecimentos. Mais tarde podemos voltar a isto aqui.

Aluno: Caro professor Olavo, eu gostaria de saber se se pode articular, e se isso seria desejável, a ciência medieval e a ciência moderna, com a primeira orientando a segunda, dizendo da realidade; e a segunda limitando-se a desenvolver tecnologia. Pergunto isto porque, pelo que tenho ouvido ou lido, entendo que o único mérito da ciência moderna seja o de produzir tecnologia.

Olavo: Não, o único mérito não é este. Ela forneceu elementos, várias explicações para uma infinidade de processos naturais. O que falta para a

ciência moderna é o nível de inteligibilidade que a filosofia requer, e esse nível de inteligibilidade é aquilo que os filósofos escolásticos, na Idade Média, tinham como exigência primordial. **[2:00]**

Se você continua lidando com conceitos descritivos que você mesmo não entende, você está às cegas, como quando, por exemplo, um sujeito está usando uma metáfora e não sabe que é metáfora. Não há nenhum problema em usar metáforas. Justamente, a metáfora exprime o coeficiente de imprecisão entre as semelhanças e diferenças que corresponde, por um lado, à estrutura do nosso pensamento e, por um outro lado, à estrutura da própria realidade. Agora, se você pensa que a metáfora é literal, então você está tentando prender a complexidade do real dentro de uma camisa-de-força que é apenas uma exigência mental sua.

O livro do Wolfgang Smith chamado *The Quantum Enigma* é um sinal do poder que a filosofia escolástica tem de dar inteligibilidade a elementos da ciência atual, especificamente da física quântica. A física quântica é uma coisa que já foi confirmada milhões de vezes por experimento, mas que, no fundo, as pessoas não sabem do que estão falando. Então, você não sabe qual é o coeficiente de realidade daquilo. Esse coeficiente só pode ser obtido se, através da análise dos conceitos, você encontrar precisamente a que elementos da experiência aquilo corresponde. E o Wolfgang Smith demonstra que a filosofia escolástica é capaz de fazer isso. Ela transforma um dado científico, em si mesmo ininteligível, numa teoria inteligível. Outro dia um idiota aí escreveu: “ah, o Wolfgang Smith escreveu um livro para provar que a física quântica confirma a filosofia escolástica”. Mas que é isso! A filosofia escolástica está precisando que a física quântica a confirme? Ao contrário! Ela não está pedindo nada à física quântica; ela está contribuindo para tornar aquilo inteligível. Há essa história de que a ciência vai confirmar a religião. Ora, faz-me rir!

Vocês estão vendo o que é ciência e o que é o nível de inteligibilidade da coisa., que negócio pobre, nojento que é, na maior parte dos casos. Não digo que tudo na ciência seja assim, mas eu acho que noventa por cento é assim. As pessoas não sabem do que estão falando e não são capazes de analisar a sua própria linguagem para distinguir se estão usando uma metáfora, até que ponto estão usando metáfora. Tanto que elas acreditam que tudo o que elas estão fazendo é exato, compreensivo e objetivo, ao passo que tudo o mais é determinado por escolhas emocionais. Essa visão que os caras têm do futuro não é emocional? Essa ideia de que você vai virar senhor absoluto do universo e vai controlar tudo e vai transformar tudo e cada estrela vai virar um reator atômico e nós vamos estar lá atuando – nós sob a forma de poeira cósmica inteligente - não, isso não tem nenhum valor emocional? Mas que brincadeira é essa?

Se você falar isso para qualquer cientista profissional, ele vai dizer: “tem de distinguir entre o que é especulação que eles fazem o que é ciência”. Não, eles não estão fazendo isso como especulação de ficção científica; isso são teorias científicas. Estude o que é o princípio antrópico que você vai ver. O princípio antrópico não é ficção; é uma teoria científica. Não tem pé nem cabeça, a não

ser sob certos aspectos, se você o interpretar de uma certa maneira. Mas interpretado de uma outra maneira, que é até majoritária, é um absurdo total.

Aluno: O que o senhor falou sobre o que essas pessoas escreveram sobre se libertar da matéria para mim é gnose.

Olavo: Batata! É cem por cento! Esta ideia de que nós estamos aqui para nos transformar em criaturas cada vez mais sutilizadas e mais espirituais, até ao ponto de já não termos mais existência corporal, isso é gnose! Isso é a estupidez mais antiga da história da humanidade! Esses caras estão toda hora reinventando a roda.

Aluno: Descartar o corpo como coisa ruim está contra a religião cristã.

Olavo: É claro! A revolta contra a condição corporal é a base da gnose. Eu estou lá interessado em virar poeira cósmica inteligente! Que é isto!

Aluno: Professor, verifico que, no universo das pessoas leigas, algum fator, argumento ou sentimento faz com que a ideia de um governo mundial seja agradável e até desejável. O senhor saberia identificar qual é esse elemento que tanto seduz as pessoas comuns que constituem a maioria da humanidade à ideia de serem submetidos a um governo mundial?

Olavo: Ah sim, certamente: o desejo de segurança e de proteção. Se a pessoa perde a confiança na ordem do real – quando falo ordem do real não estou querendo dizer ordem do universo; é uma ordem que transcende o universo – perdeu a confiança nisso, ela está no mato sem cachorro. Entrou no mundo da entropia, o universo vai acabar. É aquela coisa: “Deus morreu, Marx morreu e eu mesmo não estou me sentindo muito bem”. Então, tem de fazer alguma coisa. Tem de chamar o John Burdon Haldane para impedir que o universo acabe! Ou aquele idiota do filme do Tarkovsky correndo com o roupão para impedir a destruição do universo!

Olha, nós temos vislumbres da ordem eterna. Nós estamos dentro dela. Se ela não existisse, não poderia existir nada. A coisa mais óbvia que existe é a ordem eterna. É mais óbvia do que a ordem do universo. A ordem do universo às vezes você acredita que descobriu e depois chega outro e faz uma teoria contrária, onde você pensava que existia ordem existe caos, e assim por diante. A ordem do universo é uma coisa esquiva, ela está sempre fugindo. Mas a ordem do real, a ordem eterna, de ordem puramente metafísica, essa é imbatível. Quando se diz que o ser é e o ser não é... por exemplo, isso que eu acabei de dizer: aquilo que existiu por um único segundo não pode voltar ao nada. Ela pode não ter existência temporal, mas ela está dentro da ordem do ser. Uma coisa não pode sair do nada e voltar ao nada. Se esteve no ser, não volta ao nada. Então, a existência da simultaneidade de todos os momentos é condição para que existam momentos. A percepção de tempo, a vivência de tempo está condicionada à própria estrutura física da nossa existência. Então, neste sentido, o tempo é “ilusório”. O tempo existe, não é que ele é uma ilusão. Mas confrontado com a eternidade, ele é apenas uma aparência. Como dizia Santo Agostinho, ele é uma aparência móvel da eternidade. Então, se

você perdeu a visão de eternidade, você está no mato sem cachorro; você está procurando alguém para tomar conta de você. Agora, se você entende que existe a ordem eterna, pouco importa que eu acabe, que acabe este universo, que acabe tudo. Na eternidade, está tudo lá. Então, este reconforto na eternidade, sabendo que isto é uma necessidade absoluta, não é matéria de fé, gente. A igreja jamais disse que é matéria de fé. Isso é uma coisa altamente demonstrável. Aliás, é auto-evidente, de algum modo. O que é matéria de fé, são as coisas relatadas na Bíblia. Por exemplo, que Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria, que ele morreu e subiu aos céus, isso é matéria de fé. Mas a existência da eternidade não, isso não pode ser matéria de fé de maneira alguma; isso é uma coisa de inteligência, simplesmente.

Aluno: Esta semana eu estava pensando sobre o exercício da aula dezenove, sobre o que é conhecer alguma coisa, e tive várias intuições, mas não me pareceram muito claras e cheguei a pensar que nunca iria entender nada. Então, antes de dormir, pedi a Deus que me ajudasse. Mas esse pedido foi com uma certeza de que Ele iria de certa forma me ajudar. Eram três e meia ou quatro horas da manhã quando acordei com uma ideia tão clara que fui capaz de entender tanta coisa que levantei e comecei a tomar notas em uns tópicos e até fiz uma espécie de poesia ou coisa parecida. Estava tudo tão claro, tão real que fui às lágrimas. Depois, voltei a dormir e quando acordei novamente – feliz, é claro – tudo aquilo já não parecia tão claro como antes. Tudo continuava tendo um sentido, mas não tão claro como antes. Por que isso acontece?

Olavo: Isso acontece porque a consciência permanente da ordem eterna é proibitiva para o ser humano porque o ser humano tem uma existência temporal. Nós vivemos entre a consciência e a inconsciência. Tem horas em que parece que estamos entendendo tudo. Depois voltamos a não entender nada. Quando você está entendendo, quando você tem este vislumbre – que não é da ordem total, **[02:10]** é apenas um fragmento – você tem todo o direito de se regozijar com aquilo, de celebrar, de ficar contente, etc. Quando você esquece aquilo, você volta para a atitude da confiança em Deus: “eu não sei, mas Deus sabe. Eu não sei, mas na eternidade se sabe. Então para quê me preocupar? Eu não preciso saber tudo, e eu não preciso me lembrar de tudo.” Esqueça! Você esqueceu? Esqueça. Deus vai te dar aquilo de novo quando for preciso. Esta é a atitude que eu chamo de a confiança na ordem eterna. Você tem de repousar nela como uma criança no colo da mãe. Não precisa se preocupar, você não precisa saber tudo, não precisa controlar tudo, você não precisa salvar o universo. Pense assim: “se eu morrer agora mesmo, que diferença vai fazer para a ordem eterna? Nenhuma. E onde eu estou? Eu estou na ordem eterna. Ela me abrange, me contém.” Esta é uma atitude de serena confiança na ordem eterna, cuja existência é a coisa mais óbvia e patente do mundo. Agora, se sumiu da sua cabeça a ordem eterna e você quer confiar somente na ordem do universo, você arrumou uma encrenca porque você vai encontrar a segunda lei da termodinâmica e vai tudo acabar e Deus morreu e Marx morreu e você já não está se sentindo muito bem. Daí você vai ter de virar mais um salvador do universo.

Aluno: Pelo que eu tinha entendido, o que o professor Olavo está fazendo conosco é como a construção de um vaso ou cálice. O professor está

construindo em nós as paredes de um vaso ou cálice, preenchendo as paredes de um molde que já existia mas era transparente e sem densidade com os seguintes materiais: abertura da percepção, capacidade memorativa, ampliação da imaginação e teste das coisas apreendidas no real usando como base a sinceridade e a verdade. Era como se toda a verdade estivesse for a do cálice e esse cálice precisasse ser preenchido, mas as suas paredes estavam vazadas e não guardariam o real dentro dele.

Olavo: Mas é um cálice vazado mesmo, meu filho. A verdade vem e vai. Então, existe a atitude da contemplação e a atitude da fé. Que é a fé? A fé é confiança. É simples. Você não está entendendo nada? Eu não entendo nada, mas eu tenho confiança, que, se for preciso, vai voltar.

Aluno: Era como se a presença total me cercasse e eu fosse uma bolha de ar dentro de um mar, resistindo a toda a pressão do real, e de repente ela se abria e era invadida e nos tornamos uma coisa só, só permanecendo o contorno da bolha.

Olavo: Exatamente. Você abre e a ordem do real vem a você. Depois você fecha porque você é uma criatura temporal, você é um bichinho, você tem de comer, você tem de dormir, você tem de esquecer porque senão, você não aguenta. Então, esta limitação foi feita para a nossa própria proteção de seres animais. Então, quando você esquece, não há sacanagem nenhuma nisso. O famoso lema dos escolásticos: "*crede ut intellig*as*, intellige ut credas*". Crê para inteligires, e intelige para crer. Então, quando você está inteligindo, está inteligindo. E quando está crendo, está crendo. A crença, a fé é o repouso da inteligência. Agora, sobre aquilo que Deus está te mostrando e que você está entendendo perfeitamente, não precisa ter fé nenhuma porque você está vendo. E aquilo que você não sabe? Você tem a fé, na qual você repousa e quando for necessário, Deus te dá aquilo de novo. E é por isso que você verá em muitos tratados místicos cristãos páginas e páginas contra a avidez de conhecimento. Amor ao conhecimento é uma coisa; avidez de conhecimento é outra. Avidez de conhecimento é você achar que de fato o universo precisa que você conheça tudo para você impedir que o universo acabe. Você virou o salvador do universo. Agora, nós temos de nos conformar com a nossa ignorância entendendo que essa ignorância não é uma coisa má; ela faz parte da nossa condição. O ser humano não pode viver num estado de permanente exaltação intelectual. Quando ele volta às suas tarefas normais – de bichinho que tem de tomar banho, tem de dormir etc. - , isso faz parte da própria compaixão divina. Você não é um anjo, uma criatura espiritual ou de luz que possa viver permanentemente na claridade. Não, tem de ter a escuridão. A escuridão faz parte da misericórdia. É por isso que existe dia e noite. Isso é um simbolismo natural tremendamente importante. Deus fez a noite para o seu repouso. Então, o repouso da inteligência é a fé.
Aluno: Como todos, agradeço pela existência do Seminário de Filosofia, do contrário, estaria condenado a aturar a ignorância das faculdades brasileiras, sem qualquer refúgio.

Olavo: Claro, a ignorância desses camaradas não é a ignorância que eu estou falando, a ignorância do repouso. Não. A ignorância deles é a ignorância ativa.

A nossa ignorância é o seguinte: a gente vai dormir, fica como criancinha, dorme e esquece. Bem, isso é a ignorância natural, o que os escolásticos chamavam de *nesciência*. Nesciência é uma coisa que você não sabe. Por exemplo, quantos fios de cabelo há na sua cabeça. No entanto, algum número tem, e é um número exato.

Aluno: Eu assisti à sua aula sobre o absolutismo e a mentalidade revolucionária, em que o senhor expõe o absolutismo com um dos aspectos inseridos dentro dessa mentalidade como a revolução que culminou no fim do feudalismo medieval no poder da igreja. A esse respeito, eu tenho duas dúvidas. Primeira: como o senhor compreende o papel de certos padres e bispos católicos na ascensão do estado moderno? Por exemplo, o papel de Richelieu na consolidação do poder real francês que viria mais tarde combater e derrubar a hegemonia católica no continente europeu.

Olavo: Olha, isto é muito importante: desde que começa a época das revoluções, você precisa ver que uma política revolucionária sempre existe. Sempre existe algum – um ou dois ou três movimentos revolucionários em ação. E um movimento anti-revolucionário nunca existiu. Existem valores anti-revolucionários. Ou crenças anti-revolucionária ou atitudes anti-revolucionárias. Mas o movimento nunca existiu. Isso quer dizer que todos os movimentos políticos que você vê são de ordem revolucionária. Existem iniciativas anti-revolucionárias aqui e ali. Isso quer dizer que o tecido da história moderna é o choque de uma corrente revolucionária com outra corrente revolucionária. E as pessoas que são contra a mentalidade revolucionária, na maior dos casos, elas fazem a burrada de aderir a um movimento revolucionário para parar outro, sem saber que, com isso, estão apenas incentivando, fazendo a roda girar mais depressa. Um exemplo característico, tem tem exemplo pior do que este que você deu: no tempo da segunda guerra mundial, o Papa Pio XII estava fazendo o que podia para ver se salvava o maior número de judeus. Leia o livro do rabino Daniel Dalin, The Myth of Hitler's Pope: Pope Pius XII and His Secret War Against Nazi Germany, que desmente a história do papa de Hitler, que é uma calúnia desgraçada. Mas não se pode dizer o mesmo do alto clero alemão. No começo, eles tomaram algumas medidas contra o nazismo, como, por exemplo, recusavam a comunhão aos membros do partido e assim por diante. Então, no começo, eles fizeram a coisa certa. Porém, depois, à medida que o governo nazista vai adquirindo maior poder, eles vão cedendo, cedendo, sob a desculpa de que o nazismo iria parar o comunismo. Assim, você está querendo combater Satanás com a ajuda de Belzebu. Isso sempre dá errado! Sempre! Então, o que é necessário fazer é que a consciência anti-revolucionária se torne mais explícita e mais permanente, de modo que você consiga sempre transitar livremente entre essas tendências e esses entrechoques. No caso, o fortalecimento do poder monárquico poderia parecer aos membros da Igreja um meio de, por exemplo, parar a revolta protestante. Mas a criação do estado moderno era um movimento revolucionário e a reforma protestante era outro. Então, que eles fazem? Eles aderem a este contra aquele. Burrada. Isto significa que você está jogando sempre no campo do inimigo. **[02:20]** Você não tem a sua política própria. Mas como poderia Richelieu, naquela época, ter ideia? Ele não tinha lido o meu livro A *Mentalidade Revolucionária*. Eu tenho certeza de que eu sou

o primeiro sujeito que está conseguindo sintetizar isto desta maneira. Ou seja, há um processo histórico muito complexo às nossas costas que vem de quatro ou cinco séculos, e cujos termos não estão perfeitamente esclarecidos. Estamos usando instrumentos precários para descrever isto. Então, por exemplo, o católico que acha que o problema é a reforma protestante e que, então, ele tem de apoiar um rei católico no momento em que o rei católico está constituindo uma monarquia nacional. No momento, aquilo parece a coisa lógica a fazer, porém, e as consequências de longo prazo? A partir da hora em que começa o movimento revolucionário moderno, tudo fica extremamente perigoso. Toda atitude política se torna extremamente perigosa. Isso quer dizer que devemos pular fora e não tomar nenhuma atitude política? Não, alguma atitude você tem de tomar. Mas tem de tomar de tal maneira que você não favoreça um movimento revolucionário para combater outro. Você tem de boicotar os dois.

Então, era essa a ideia. Por exemplo, Churchill tinha essa idéia. Ele dizia o seguinte – a longo prazo se mostrou certo –, ele estava discutindo não sei com quem e o sujeito disse "mas a gente lutando do lados dos russos, eles vão tomar metade da Europa", como de fato tomaram. E Churchill disse: "bom, mas depois de você comer, vem a digestão. E eles vão ter uma indigestão." Mas é batata! A União Soviética conseguiu manter os territórios ocupados? Não conseguiu! O problema é que até ela vomitar os territórios ocupados, passou quase meio século e foi um morticínio desgraçado. O cálculo do Churchill não estava errado: "podemos entregar para a União Soviética porque ela não vai conseguir segurar". Bom, ela come e depois vomita, mas do que ela vomitar, primeiro precisa ver se ainda vai haver alguma coisa ali para conservar. E, em segundo lugar, quanto tempo vai demorar e qual vai ser o custo disto? Na verdade, nós não sabemos. É muito difícil você se colocar na posição de um estadista legitimamente conservador e reacionário como Churchill. Tudo o que ele queria fazer era conservar intactas as democracias ocidentais, conservar o sistema dos direitos adquiridos, tudo certinho. E, naturalmente, ele teve de negociar. Eu não sei o que eu faria no lugar dele. O fato é que as forças armadas alemãs eram muito poderosas. Veja quanta gente teve de se juntar para enfrentá-los. A União Soviética sozinha não podia, os Estados Unidos sozinhos não podiam, a Inglaterra e a França, então... eles tomaram a França em uma semana! Agora, o que Churchill não sabia – e eu acho que esta foi a raiz do erro de cálculo – foi que a Alemanha só tinha se tornado tão poderosa graças à ajuda da União Soviética. A União Soviética foi fomentando o rearmamento da Alemanha desde a década de vinte, muito antes do pacto Ribbentrop-Molotov. Então, as forças armadas alemãs são uma invenção de Stalin. O mesmo raciocínio que Churchill fez com a União Soviética, Stalin fez com relação à Alemanha: "os alemães vão tomar tudo mas eles não vão conseguir segurar. E na hora em que eles soltarem, nós pegamos". E batata. Aconteceu isso mesmo. Mas, também, a pergunta é: quanto tempo vai levar e qual vai ser o preço dessa brincadeira?

Quando Hitler invadiu a Checoslováquia, houve um governante europeu que telefonou para todos os outros – telefonou para o Roosevelt – dizendo: "vocês não vão fazer nada para parar este louco?" Sabe quem era esse governante? Benito Mussolini. Ele viu que todo mundo pulou fora e pensou: "ah, está todo

mundo com medo do alemão? Então, eu vou passar para o lado dele, porque ele é o mais forte." Então, este foi o sujeito que quis agir no momento certo. Só que ninguém acreditou nele. Era preciso parar Hitler no começo e sem a ajuda da União Soviética. Se eles tivessem feito isso em tempo... Mas é o tal negócio: para agir em tempo, seria preciso ter uma consciência muito clara do que é o movimento revolucionário, e de que ele sempre se utiliza de forças opostas. Quando o movimento Nacional-Socialista sai de dentro do ventre do movimento socialista – como o próprio fascismo, por exemplo -, isso faz parte da dialética natural do movimento revolucionário. Ele se come a si próprio, se destrói a si próprio e cresce. É como no Timon de Atenas de Shakespeare, em que um sujeito pergunta "como vai o mundo?" e o outro responde: "destrói-se, mas continua crescendo". Isto é o movimento revolucionário. Ele vive de se comer a si próprio e comer tudo o que está em volta. Essas divisões são o processo natural dele. Ele é a destruição. Ele é a inversão. Ali não existe o lado mais certo. Todos os lados estão errados. E você pode usar um para destruir o outro só se você tiver a garantia de destruir aquele também. Mas, se você não tem a perspectiva correta do movimento revolucionário inteiro, como você vai prever a longo prazo?

De fato, apoiar Satlin, o que custou? No total, o movimento comunista matou três vezes mais gente do que as duas guerras mundiais somadas. Então, claro, ele era um flagelo muito maior do que as duas guerras mundiais. "Ah, mas todo mundo que está morrendo é chinês, é russo, a gente não liga." Isso é o que falou Daniel Pipes: "por que os caras prestaram mais atenção no nazismo? [Porque] eles estavam matando alemão! Alemão é um povo importante! Os outros estão matando russo, chinês... [ninguém] nem liga" Então, existe esse preconceito racista na escolha que os caras fizeram. Entre os vários perigos, qual é o pior? O pior é o que está matando gente mais importante. E quando pegaram os judeus? Não havia um judeu na Alemanha que não tivesse parente nos Estado Unidos. Cada um que matavam lá dava repercussão aqui. E chinês? Você não consegue distinguir um chinês de outro! E russo? Aqueles caras lá na Sibéria, bárbaros? Ninguém está nem ligando para eles. Então, isto foi um dos motivos pelos quais o pessoal achou que era certo se aliar aos comunistas para combater os nazistas. "Os nazistas estão matando gente nossa. E os outros estão matando os caras que nós nem sabemos que existem. Talvez seja até bom matar. Diminui um pouco a população."

Então, é isso. No caso do Richelieu, é a mesma coisa que aconteceu depois com o clero alemão, que está tão bem documentado no livro do Eric Voegelin, *Hitler e os Alemães*. Agora, o que não tem sentido é você atribuir essas atitudes do clero alemão ao Papa. O papa estava fazendo exatamente o contrário. O pessoal sempre pensa na Igreja como um bloco monolítico. Bom, é monolítico no sentido doutrinal. No ponto de vista do poder e da administração, o poder do papa é mínimo! O que o papa pode fazer contra quem o desobedeça? Praticamente nada! Eu mencionei aqui na aula passada quantos movimentos de perseguição aos judeus houve na idade média e na renascença. Para onde os judeus corriam? Para Roma. Porque em Roma o papa os protegia. Agora, se você está a duzentos quilômetros de Roma, o que o papa pode fazer para te proteger? Nada. Então, aparece lá um bispo ou um cardeal que decide te assar vivo e pronto, você está lascado. Então por que

quando os caras falam "a Igreja" perseguiu, ele está se referindo aos cardeais e não ao papa? Esses cardeais e, muitas vezes, **[02:30]** apenas clérigos comuns representavam a Igreja melhor que o papa? Quanto aos papas, veja a declaração do Papa Gregório VIII: "a obrigação dos católicos é proteger os judeus e permitir que eles continuem a viver segundo seus costumes ancestrais, a Lei de Moisés." Não os incomode. Isso é o que a Igreja diz. Agora, o que um cardeal fez, o que a Inquisição fez etc... Você acha que o papa mandava na Inquisição? Você está é louco!

Aluno: Há dois assuntos que me instigam. Um: o surgimento do protestantismo e as discussões doutrinárias com o catolicismo. Dois: as teorias educacionais que levaram a escola brasileira a ser o que é. Penso em começar a fazer, conforme suas orientações para o início de um estudo, um levantamento bibliográfico abrangente. Quais devem ser os pontos de partida para estudar esses temas?

Puxa vida! Se você pegar, por exemplo, o protestantismo no sentido de várias reformas completamente diferentes e algumas que, no curso de sua existência, mudaram de orientação radicalmente. Por exemplo, o protestantismo alemão começa como um protesto contra a corrupção na Igreja; depois, ele se transforma numa formulação doutrinal antagônica e depois, se transforma num projeto de estado nacional alemão. O que é que uma coisa tem a ver com a outra? Logicamente nada, mas as contingências históricas forçaram a virar isto. Se você pegar a reforma inglesa, que já foi uma coisa completamente diferente, onde você vê até elementos gramscianos ali, de tipo estratégia de revolução cultural, essa coisa toda, e uma violência inaudita – mataram quarenta mil pessoas numa semana. A reforma protestante na Inglaterra matou mais gente do que a Inquisição matou em quatro séculos. Então, quando o pessoal fica chorando aí, meus amigos protestantes: "ah, a Igreja Católica perseguiu..." Vocês também não são flor que se cheire. Olha, sobre uma bibliografia disto nós vamos ter de conversar mais tarde, mas eu recomendo muito a você começar no assunto da reforma com os livros de uma autor que se chama Michael Davies. O livro chama-se *A Ordem Divina de Kramer*. Kramer foi um dos líderes da reforma inglesa. Esse é muito bom ponto de partida.

Sobre as teorias educacionais brasileiras, você tem é de procurar os depoimentos do Luiz Faria. Você tem de falar com ele. Procure no site do Farol da Democracia, tem lá um sujeito chamado Luiz Faria que fez uns depoimentos sobre isso. O cara está sabendo tudo a este respeito. Tudo. Ele sabe muito mais do que eu. Então, é com ele que você tem de falar sobre esse assunto.

Então, eu acho que hoje nós podemos parar por aqui. Tem outras perguntas, mas elas vão ficar para a semana que vem. Então, muito obrigado a todos e até a semana que vem.

Transcrição realizada por: Mauro Ventura, Eduardo Queiroz, Leonardo da Costa Ribeiro Torres
Revisão: Maurício Brum Doval, 21/07/2010 [mbdoval@gmail.com]